

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MULHER E O MUNDO DO TRABALHO:  
HISTÓRIAS DE VIDA DE ESTUDANTES NO PROGRAMA NACIONAL  
MULHERES MIL – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO TOCANTINS – IFTO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Janaína Miranda Muradás Amorim**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**

**MULHER E O MUNDO DO TRABALHO:**  
**HISTÓRIAS DE VIDA DE ESTUDANTES NO PROGRAMA NACIONAL**  
**MULHERES MIL – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E**  
**TECNOLOGIA DO TOCANTINS – IFTO**

**Janaína Miranda Muradás Amorim**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a qualificação da obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Cunha**

**Santa Maria, RS, Brasil**  
**2015**

**Página reservada à ficha catalográfica**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Dissertação de Mestrado

**MULHER E O MUNDO DO TRABALHO:  
HISTÓRIAS DE VIDA DE ESTUDANTES NO PROGRAMA NACIONAL  
MULHERES MIL – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO TOCANTINS – IFTO**

Elaborada por  
**Janaína Miranda Muradás Amorim**

Como requisito parcial para a obtenção do Título de  
**Mestre em Educação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Jorge Luiz Cunha, Prof. Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Guilherme Carlos Côrrea, Prof. Dr. (UFSM)**

---

**Cláudia Regina Costa Pacheco, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (IFF/RS)**

Santa Maria, 30 de julho de 2015.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto gratificante, do resultado adquirido na força de vontade, no conhecimento e na perspectiva de uma vida profissional inovadora e alicerçada na transformação social.

Antes de falar e agradecer as pessoas especiais que me ajudaram nessa meta, que agradecer antes de tudo a Deus, pela força para enfrentar os obstáculos, que não foram poucos, mas superados. Assim, vamos aos homens e mulheres que contribuíram com esse trabalho:

Em primeiro lugar, um agradecimento especial ao meu esposo amado, companheiro e amigo, que me apoiou desde o início da seleção do mestrado, nunca demonstrou resistência, pelo contrário, se propôs a cuidar das pequenas para a nossa realização.

As minhas pequenininhas que souberam compreender o momento que estive longe delas, para me debruçar nos livros e no computador, com a finalidade de terminar esse trabalho.

A mãe, o pai e as maninhas, meu muito obrigado, de coração! Sem a força dessa família não poderia ter chegado até aqui.

Não posso deixar de agradecer por ordem alfabética as minhas queridas amigas: Ana Claudia Rosa, Anna Helena Sonogo, Candice Novaes, Kim Nay Figueiredo, Lívia Macedo, Maiara Sobral e Marli da Silva.

Venho carinhosamente agradecer ao orientador dessa pesquisa Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha, pela vossa colaboração e por acreditar no potencial desse trabalho. Além dele, meu agradecimento a Prof<sup>a</sup> Dra Marilú Favarin Marin (*in memoriam*), pois um pouco desse estudo teve a vossa contribuição.

Dessa forma, agradeço a todos e todas que de alguma forma contribuíram para fortificar e solidificar ainda mais a minha aprendizagem, em que vejo como recomeço, do começo, de um futuro ainda a ser conquistado, inventado, desbravado.

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

A presente dissertação teve a finalidade de estudar a história de vida de mulheres participantes em cursos de qualificação profissional, ofertados nos *campi*: Palmas e Porto Nacional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, por meio do Programa Nacional Mulheres Mil. Os aspectos que foram analisados partiram das trajetórias delas em suas relações educacionais e socioculturais, como também, no processo de conquista ao mundo do trabalho. O objetivo geral foi o de compreender que forma essas estudantes ressignificaram suas histórias de vida, sejam pelas convivências nos espaços sociais e educacionais, como também, pelas relações pessoais e coletivas, pelas influências ou não, positivas ou negativas e se após a conclusão do curso buscaram a inserção no mundo do trabalho. Assim, foram investigados os motivos pelo ingresso na instituição escolar e/ou o desligamento do curso. Esses pontos contribuíram na elaboração do perfil das mulheres que participaram das turmas de Camareira (*Campus Palmas*) e informática para o espaço doméstico e do trabalho (*Campus Porto Nacional*) no período de 2012 a 2013. Como procedimentos metodológicos utilizou-se a História Oral (MEIHY, 2002), com as técnicas da História de Vida (PINEAU, 2011) e a pesquisa Biográfica (SCHÜTZE, 2010), seguidas de: entrevistas narrativas e transcrição literal das falas destas mulheres. Desta forma, com os resultados evidenciados pelos relatos das mulheres tocantinenses, propiciou conhecê-las, compreender suas histórias de vida e as expectativas futuras. Além disso, conclui-se que a convivência no espaço escolar pode ressignificar vida.

**Palavras-Chave:** Educação. Gênero. Trabalho.

## **ABSTRACT**

MASTER'S THESIS  
POS-GRADUATION PROGRAM IN EDUCATION  
FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA

The present dissertation had the purpose to study the life history of women that participate in professional training courses, offered in the campuses: Palmas and Porto Nacional, in the Federal Institute of Education, Science and Technology of Tocantins, through the National Program "Mulheres Mil". The analyzed aspects were based on the course of their educational and sociocultural relations, but also on the achievement process to the employment. The overall objective was to understand how these students redefined their life histories, both by living in social and educational spaces, and by personal and collective relations, by influences or not, positive or negative and if, after finishing the course, they sought employment. Thus, the reasons for entering the institution and/or the interruption of the course were investigated. These points contributed to elaborate the women's profile that participated in the classes of "Camareira" (campus Palmas) and "informática para o espaço doméstico e trabalho" (campus Porto Nacional) in the period from 2012 to 2013. The methodological procedures used were the Oral History (MEIHY, 2002), with Life History techniques (PINEAU, 2011) and the biography reaserch (SCHÜTZE, 2010), following: narrative interviews and reports from the women's speech. In this way, with the evidenced results by the reports from the local women, it was allowed to meet them, comprehend their life histories and the future expectations. Furthermore, it can be concluded that living in the school space can redefine life.

**Keywords:** Education. Gender. Work.

## LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ABI** – Associação Brasileira de Imprensa

**ACCC** – Associação do Colleges Comunitários do Canadá

**CIDA/ACDI** – Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional

**CMB** – Centro da Mulher Brasileira

**CNDM** – Conselho Nacional dos Direitos da Mulher

**EAFA** – Escola Agrotécnica Federal de Araguatins

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos

**ETF-Palmas** – Escola Técnica Federal de Palmas

**FIC** – Formação Inicial e Continuada

**Fundação UnirG** – Centro Universitário de Gurupi

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IFTO** – Instituto Federal da Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins

**MDS** – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

**MEC** – Ministério da Educação

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PPC** – Projeto Pedagógico de Curso

**Proeja** – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

**Pronatec/BSM** – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria

**Seduc – TO** – Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Tocantins

**Semed** – Secretaria Municipal de Educação

**Setec** – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

**UFSM** – Universidade Federal de Santa Maria

## LISTAS DE QUADROS

<b>Quadro 1.1</b> – Cursos ofertados pelo Programa Mulheres Mil no <i>Campus</i> Palmas no período de 2008 a 2009 (Sistec, 2014).....	21
<b>Quadro 1.2</b> – Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) pelo Programa Nacional Mulheres Mil (Sistec, 2014).....	23

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>EXPANSÃO DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO)</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>GÊNERO E TRABALHO</b>	<b>25</b>
<b>3.1</b>	<b>Movimentos Feministas: contribuições para os estudos de gênero</b>	<b>25</b>
<b>3.2</b>	<b>Discussões sobre Gênero como construção social</b>	<b>33</b>
<b>3.3</b>	<b>Mulher e o Mundo do Trabalho</b>	<b>37</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>43</b>
<b>4.1</b>	<b>Tipologia da pesquisa</b>	<b>43</b>
<b>4.2</b>	<b>Problematização</b>	<b>45</b>
<b>4.3</b>	<b>Sujeitos da pesquisa e fontes de coletas</b>	<b>49</b>
<b>5</b>	<b>MULHERES TOCANTINENSES: NARRATIVAS CONTADAS NO COTIDIANO DO IFTO</b>	<b>55</b>
<b>5.1</b>	<b>Quem são as “Maria Maria” do Programa Nacional Mulheres Mil</b>	<b>55</b>
<b>5.2</b>	<b>Ressignificação de Vidas como possibilidades de transformação</b>	<b>63</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES</b>	<b>67</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>72</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>84</b>
	<b>ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)</b>	<b>85</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>87</b>
	<b>APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista</b>	<b>88</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O Programa Nacional Mulheres Mil foi instituído em todas as instituições de educação profissional e tecnológica, com a parceria daquelas de ensino regular, pela Portaria do MEC nº 1.015/2011. A finalidade do Programa é a formação profissional e tecnológica articulada com elevação de escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Desta forma, surgiu este trabalho, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), inserido na linha de Pesquisa de Políticas Públicas e Práticas Educativas que propõe estudar *Mulher e o Mundo do Trabalho: histórias de vida de estudantes no Programa Nacional Mulheres Mil – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO*, nos campi de Palmas e Porto Nacional após a implantação da Portaria do MEC nº 1.015 de 21 de julho de 2011.

Esta pesquisa pretende problematizar sobre os motivos que levam essas mulheres, estudantes do Programa Nacional Mulheres Mil, realizado pelo Instituto Federal do Tocantins, inserirem em uma instituição escolar, escolherem uma qualificação, concluírem e/ou desistirem do curso após a sua escolha profissional.

Para isso, como o objetivo geral deste trabalho procurou-se compreender de que forma essas estudantes ressignificaram<sup>1</sup> suas histórias de vida, sejam pelas convivências nos espaços sociais e educacionais, como também, pelas relações

---

<sup>1</sup> Ressignificar no sentido de transformação social, onde cada indivíduo, nas suas particularidades transformam as práticas tradicionais de acomodação e alienação para práticas numa perspectiva crítica e revolucionária. (BENINCÁ, 2010).

peçoais e coletivas, pelas influências ou não, positivas ou negativas e se buscaram a inserção no mundo do trabalho após a conclusão do curso.

A pesquisa também teve como objetivos específicos: descrever a história dos movimentos feministas e suas contribuições para os estudos de gênero e de trabalho como construção social, cultural e histórica; coletar e analisar as narrativas das mulheres objeto da investigação elaborando um perfil de estudantes nos cursos de qualificação profissional; após as análises das narrativas, perceber como as mulheres objeto da investigação ressignificaram suas vidas em espaços de convivência, pessoais, coletivas, educacionais, socioculturais e no mundo do trabalho.

Para essa reflexão foram aplicadas entrevistas narrativas com as mulheres que estudaram, concluíram e desistiram de cursos de formação inicial e continuada ofertados pelo Programa Nacional Mulheres Mil no ano de 2012 a 2013, nos *campi* de Palmas e Porto Nacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO).

A oportunidade de escrever sobre essas mulheres, principalmente por ter participado como assessora pedagógica, nas turmas de 2009, reapareceu com o processo de seleção o Mestrado Interinstitucional de Educação com a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Neste momento, foi uma escolha que fez sentido a vida profissional, como técnica em educação na área de Pedagogia do IFTO e como licenciada em Pedagogia e em História.

Nessa premissa, com as experiências já vivenciadas e aquelas que poderão vir, nasceu a ideia deste projeto, um estudo sobre Mulheres. Uma proposta que justifica pela sua contribuição na construção de um olhar diferenciado em torno das relações pessoais, sociais, educacionais e culturais, do cotidiano das estudantes, mulheres, que através de suas histórias, perspectivas de vida e trabalho, conquistas futuras, ressignificam suas vidas.

Para se chegar a essas considerações, esse trabalho foi dividido em mais quatro capítulos. O Capítulo II foi intitulado *Expansão da Rede Federal de*

*Educação Profissional e Tecnológica*, com as discussões sobre a *Criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia* e *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO)*, sendo que esse último traz a trajetória do Programa Mulheres Mil na Instituição.

O Capítulo III foi denominado *Gênero e Trabalho*, onde traz a historicidade dos *Movimentos Feministas: contribuições para os estudos de gênero*, as *Discussões sobre Gênero como construção social* e a *Mulher e o Mundo do Trabalho*.

No Capítulo IV *Procedimentos Metodológicos*, foram abordados os seguintes pontos: a *Tipologia da pesquisa*, a *Problematização e os Sujeitos da pesquisa e fontes de coletas*.

E o Capítulo V foi denominado *Mulheres Tocantinenses: narrativas contadas no cotidiano do IFTO*. Nele apresenta *Quem são as “Maria Maria” do Programa Nacional Mulheres Mil* e a *Ressignificação de Vidas como possibilidades de transformação*.

Desta forma, não se trata de uma pesquisa puramente bibliográfica, a ideia é apresentar um trabalho que provoque os leitores para novas perspectivas do estudo de gênero, feminismo e mulheres. Espera-se que as narrativas venham a contribuir teórica e praticamente, com os professores, os pesquisadores e em especial com o público interessado, as Mulheres.

Portanto, espera-se que essa pesquisa não seja somente mais um trabalho científico sobre mulheres. Mas uma experiência significativa na vida pessoal, acadêmica e profissional da pesquisadora com os saberes conquistados pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e a oportunidade de conhecer as cinco participantes deste estudo. Enfim, contribuir e ampliar as discussões sobre a visibilidade das mulheres a partir das suas histórias de vida.

## **2 EXPANSÃO DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

### **2.1 Criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**

Os Institutos Federais foram constituídos após 2003, quando iniciou o processo de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica traçando novos rumos para esse tipo de formação. A primeira fase ocorreu em 2006 com a implantação das escolas federais de formação profissional e tecnológica e a segunda fase em 2007 com a proposta de “Uma escola técnica em cada cidade-polo do país” (BRASIL, MEC, SETEC, 2010).

Essa fase da expansão teve o objetivo de implantar escolas federais de formação profissional e tecnológica em estados onde essas instituições ainda eram ausentes, como também, em periferias de metrópoles e em municípios interioranos distantes dos grandes centros urbanos. Na segunda etapa da proposta era de implantação de 150 novas unidades de ensino, totalizando mais de 180 mil vagas em instituições que ofertam educação profissional e tecnológica.

Para atingir o objetivo da proposta, ao final da segunda fase, iniciou a ocupação e desenvolvimento do território com a criação de 38 (trinta e oito) Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, constituídos pela união dos Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Agrotécnicas e Escolas Técnicas vinculadas a Universidades através da Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008 no âmbito do Ministério de Educação (MEC).

Sobre a definição da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica pode-se dizer, segundo Silva (2009) que ela significa um conjunto de instituições federais, vinculadas ao MEC, voltadas para a educação profissional e tecnológica em nível médio e superior. Não se tem nenhuma legislação que regulamente a Rede, mas no Decreto nº. 5.840, de 13 de julho 2006, no art. 1º, § 5º, diz que:

Para os fins deste Decreto, a rede de instituições federais de educação profissional compreende a Universidade Federal Tecnológica do Paraná, os Centros Federais de Educação Tecnológica, as Escolas Técnicas Federais, as Escolas Agrotécnicas Federais, as Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e o Colégio Pedro II, sem prejuízo de outras instituições que venham a ser criadas (grifo nosso). (BRASIL, 2006).

Já no Decreto nº 6.095, de 24 de abril de 2007, que estabelece as diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a menção da Rede Federal de Educação Tecnológica aparece no título do decreto, mas no corpo do documento nada se comenta sobre a Rede.

Assim, o que se pode concluir a partir dos decretos acima enfatizados, é que a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica se define por instituições federais, vinculadas ao MEC, com a mesma fonte de financiamento e sob as mesmas normas de supervisão.

Com Lei nº 11.892/2008 que criou os Institutos Federais, o termo Rede é compreendido não apenas como um conjunto de instituições federais, mas um conjunto de instituições que possuem a mesma forma e estrutura de organização e funcionamento. Segundo essa Lei, no seu art. 1º, cita que:

Art. 1º Fica instituída, no âmbito do sistema federal de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação e constituída pelas seguintes instituições:  
I - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - Institutos Federais;  
II - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR;

III - Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ e de Minas Gerais - CEFET-MG;

IV - Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais; e (Redação dada pela Lei nº 12.677, de 2012)

V - Colégio Pedro II. (Incluído pela Lei nº 12.677, de 2012)

Parágrafo único. As instituições mencionadas nos incisos I, II, III e V do caput possuem natureza jurídica de autarquia, detentoras de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. (Redação dada pela Lei nº 12.677, de 2012). (BRASIL, 2008).

Dessa forma, são constituídos os Institutos Federais, com as mesmas finalidades e características. São instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e *multicampi*, que ministram cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica (BRASIL, 2008).

Segundo Silva (2009) os institutos federais têm o diferencial de serem instituições com uma pluralidade de cursos e de currículos, por isso, são pluricurriculares, propondo fortalecer a integração da educação profissional com a educação básica, a partir da união dos diferentes níveis da educação básica e do ensino superior, da educação profissional e tecnológica, na formação inicial e na formação continuada.

Essa integração se observa Lei nº 11.892/2008, na Seção II, que trata das finalidades e características dos Institutos Federais:

Art. 6º Os Institutos Federais têm por finalidades e características:

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;

III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infra-estrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;

IV - orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais,

identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;

V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;

VI - qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;

VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;

VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;

IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente. (BRASIL, 2008).

Quando se analisa o artigo anterior, em especial o inciso III da Lei, observa-se que a integração e a verticalização da educação básica com a profissional são inseridas como propostas curriculares dos Institutos Federais. Para Silva (2009) a integralização e a verticalização, influenciam, conjuntamente, na escolha da forma de organização da proposta curricular de cada Projeto Pedagógico de Curso (PPC). A integralização permite uma abordagem pedagógica da contextualização dos conteúdos gerais da educação básica com os específicos da formação profissional pretendida. E a verticalização contribui com esse processo, pois permite a construção de alternativas de formação profissional dentro de um determinado eixo tecnológico, possibilitando ao educando um itinerário formativo que corresponda as suas expectativas.

Além da proposta pluricurricular, os institutos federais são *multicampi*, isto é, não existe um instituto federal somente com um *campus*. Eles são constituídos por um conjunto de *campi* (SILVA, 2009).

Esta proposta de organização em “*multicampi*” tem como finalidade desenvolver as demandas locais e regionais. Na Seção III, no art. 7º, que trata dos objetivos da Instituição pode-se observar esta afirmação:

Art. 7º Observadas as finalidades e características definidas no art. 6º desta Lei, são objetivos dos Institutos Federais:

I - ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II - ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

III - realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV - desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V - estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional; e

VI - ministrar em nível de educação superior:

a) cursos superiores de tecnologia visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia;

b) cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas na formação de professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática, e para a educação profissional;

c) cursos de bacharelado e engenharia, visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia e áreas do conhecimento;

d) cursos de pós-graduação lato sensu de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento; e

e) cursos de pós-graduação stricto sensu de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica.

No art. 7º, em especial o inciso V da Lei, observa-se que os Institutos Federais têm como objetivo estimular e apoiar processos na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional, por isso a necessidade da organização dos Institutos Federais em *multicampi*.

Deste modo, com a Lei nº 11.892/2008, todos os 38 (trinta e oito) Institutos Federais foram constituídos, com essas características, finalidades e objetivos. Entre eles faz-se o destaque ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO).

Após sua constituição foi elaborado e aprovado o Estatuto do IFTO, conforme a Portaria nº 195, de 19 de agosto de 2009. No Estatuto, o IFTO na sua natureza é uma instituição de educação básica, profissional e superior, pluricurricular, *multicampi* e descentralizada. Ele tem a finalidade de ofertar educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos na sua prática pedagógica.

## **2.2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO)**

Como ressaltado anteriormente, com a expansão da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, pela Lei nº 11.892/2008, art. 5º, inciso XXXVIII, foi constituído o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), fundado pela integração da Escola Técnica Federal de Palmas (ETF-Palmas) e pela Escola Agrotécnica Federal de Araguatins (EAFA).

A Escola Agrotécnica Federal (EAFA) no Município de Araguatins, hoje *Campus Araguatins*, foi constituída pelo Decreto nº. 91.673, de 20 de setembro de 1985, e depois pela Lei nº 8.731, de 16 de novembro 1993.

Já a Escola Técnica Federal de Palmas (ETF-Palmas), atualmente *Campus Palmas*, foi criada pela Lei nº 8.670 de 30 de junho de 1993. A ETF-Palmas, após sua criação, entrou em funcionamento a partir do dia 10 de março de 2003, com três cursos técnicos: Edificações, Eletrotécnica e Informática (IFTO, 2014).

A antiga ETF-Palmas possuía uma unidade de ensino descentralizada, no município de Paraíso do Tocantins. Essa unidade se tornou, após a criação do IFTO, no *Campus Paraíso do Tocantins*.

Além da unidade descentralizada a ETF-Palmas recebeu a doação da propriedade da Fundação UnirG, situada no Loteamento Jardim Sevilha, no

município de Gurupi, com área de 4.411,57m<sup>2</sup> (Campus I), pela Lei Municipal nº 1.757, de 05 de junho de 2008. A Lei previa a doação da propriedade para a Escola Técnica Federal de Palmas e o compromisso de em dois anos a implantação de uma instituição federal no município.

Com a criação do Instituto Federal do Tocantins pela Lei nº 11.892/2008, em 6 de janeiro de 2009, pela Portaria Ministerial nº 4/2009, o IFTO passou a ser constituído por seis *campi*: *Campus Araguaína*, *Campus Araguatins*, *Campus Gurupi*, *Campus Palmas*, *Campus Paraíso do Tocantins* e *Campus Porto Nacional*.

Em 2013 o IFTO através da Portaria Ministerial nº 330 de 24 de abril, e sua retificação pela Portaria nº 505, de 11 de junho de 2014 conseguiu a autorização de novos *campi* para compor a sua estrutura organizacional, que foram os *campi*: Colinas e Dianópolis, e os *campi* avançados: Lagoa da Confusão e Pedro Afonso. E em 2015, com a Portaria Ministerial nº 27, de 21 de janeiro, ele conseguiu a autorização de funcionamento de mais um *campus* avançado, que foi o Formoso do Araguaia.

Dessa forma, o IFTO, atualmente é composto por uma Reitoria que é o órgão executivo responsável pela coordenação dos *campi*: Araguaína, Araguatins, Colinas do Tocantins, Dianópolis, Gurupi, Palmas, Paraíso do Tocantins e Porto Nacional e dos *campi* avançados: Formoso do Araguaia, Lagoa da Confusão e Pedro Afonso.

O IFTO na esfera das ofertas educacionais tem a sua estrutura organizada através da formação inicial e continuada, voltadas para a Educação Profissional, seja técnica de nível médio (PROEJA, Subsequente, Integrado), ou cursos de graduações (Licenciatura, Tecnologia e Bacharelado) e pós-graduações (*lato sensu*).

Além dessas ofertas educacionais, o IFTO oferece cursos para atendimento ao Programa Mulheres Mil. Esse programa tem como objetivo oferecer as bases de uma política social de inclusão e gênero, as mulheres em situação de

vulnerabilidade social que têm acesso à educação profissional, ao emprego e renda, além de que, ele faz parte das ações do Plano Brasil Sem Miséria.

O Programa inicialmente surgiu como uma cooperação entre a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) do MEC e pela Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA/ACDI) e a Associação do *Colleges* Comunitário do Canadá (ACCC). O projeto piloto foi desenvolvido em 12 polos dos estados da região Nordeste e Norte do Brasil.

No IFTO o projeto piloto intitulado por “Projeto Cidadania pela Arte” ocorreu no *Campus* Palmas, antes conhecido como Escola Técnica Federal de Palmas (ETF – Palmas). No Quadro 1 destacam os cursos ofertados pela ETF – Palmas nos anos de 2008 a 2009:

Nome do curso	Carga horária total	Ano da oferta
Qualificação em Artesanato	320h	2008
Qualificação em Culinária	940h	2009
Qualificação em Costura em Malha	1.240h	2009

**Quadro 1** – Cursos ofertados pelo Programa Mulheres Mil no *Campus* Palmas no período de 2008 a 2009

**Fonte:** SISTEC, 2014

Os cursos oferecidos em 2008 a 2009 foram realizados com mulheres de duas comunidades distintas. A qualificação em artesanato de 2008 foi desenvolvida com as mulheres do distrito pertencente a Palmas (TO), intitulado como Taquaruçu que fica a 35 km da capital. Taquaruçu tem sua economia ligada à agricultura familiar, artesanato, turismo, horticultura, extrativismo e comércio.

Os cursos ocorridos em 2009 foram com as mulheres do setor Jardim Santa Bárbara. Esse setor fica na região sul do município de Palmas (TO) e foi constituído por um processo de ocupação, depois regularização e integração de posse.

Nesse local foram instituídas duas turmas uma de qualificação em culinária e outra de costura em malha. O diferencial dessas turmas para a primeira ocorrida em 2008 foi o tipo de oferta. As turmas foram ofertadas pela forma do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja). As mulheres receberam a qualificação profissional integrada ao ensino fundamental.

A educação profissional foi ministrada pelos docentes do IFTO e a educação básica pelos docentes da Secretaria Municipal de Educação (Semed) de Palmas – TO.

Em 2010, o IFTO não ofertou turmas de mulheres mil, pois foi o período de transição da 1ª gestão temporária para a 1ª gestão eleita pela comunidade escolar do Instituto. Em 2011, com a publicação da Portaria do MEC nº 1.015 de 21 de julho, a oferta do Programa Mulheres Mil, passou a ser de nível nacional, prioritariamente, em instituições públicas dos sistemas de ensino federais, estaduais e municipais. Segundo o art. 4º, desta portaria, as instituições educação profissional e tecnológica, passaram a ofertar cursos e programas de Formação Inicial e Continuada (FIC) para trabalhadores e educação profissional técnica de nível médio.

O objetivo do programa permaneceu o mesmo da sua criação inicial, o de oferecer formação profissional e tecnológica articulada com a elevação da escolaridade a mulheres em situação de vulnerabilidade social.

No IFTO após a Portaria nº 1.015/2011, o Programa Nacional Mulheres Mil passou a ofertar cursos FIC para um público específico de mulheres. No Quadro 2 a seguir destacam os cursos FIC ofertados pelos *campi* no período de 2011 a 2013:

IFTO – <i>Campus</i> de oferta	Nome do curso	Carga horária total	Ano da oferta
Araguatins	Horticultura	300h	2011
Gurupi	Organização, limpeza e saúde do ambiente doméstico	160h	2011
Palmas	Camareira	240h	2012
Gurupi	Ser, aprender e fazer: formação de auxiliares	180h	2012
Araguatins	Agente de gestão de resíduos sólidos	240h	2013
Gurupi	Ser, aprender e fazer: formação de auxiliares	180h	2013
Dianópolis	Olericultura	160h	2013
Palmas	Trabalhador doméstico	160h	2013
Porto Nacional	Qualificação em informática para o espaço doméstico e do trabalho	200h	2013

**Quadro 2** – Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) pelo Programa Nacional Mulheres Mil

**Fonte:** SISTEC, 2014

Já no ano de 2014, com a parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e o Ministério da Educação (MEC), a oferta do programa foi vinculado ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria (Pronatec/BSM).

O objetivo dessa parceria foi de ampliar a oferta de cursos de qualificação profissional às mulheres mais pobres, principalmente as beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Assim, o Programa Mulheres Mil, desde a sua natureza de criação até a sua institucionalização em instituições de educação profissional procurou oportunizar espaços, escolhas, novos significados e sentidos, em especial, as mulheres em situação de vulnerabilidade social. A partir da nova oportunidade, seja de autoestima, de vida social, de estudos, de carreira profissional, essas mulheres puderam, como enfatiza Montenegro (2007) construir uma nova história, resgatando seus passados, compreendendo o presente e projetando o futuro.

### **3 GÊNERO E TRABALHO**

#### **3.1 Movimentos Feministas: contribuições para os estudos de gênero**

O feminismo, enquanto um movimento social surgiu para estudar as relações sociais e as entre os sexos. Segundo Albuquerque Júnior (2010, p. 25) “Ninguém nasceria masculino ou feminino, mas se tornaria masculino ou feminino sempre de acordo com as definições e as modelizações que uma dada sociedade e uma dada cultura dão para estes conceitos”.

Deste modo, os movimentos feministas, positivamente, colaboraram para os debates na sociedade e no meio acadêmico. Proporcionaram diálogos que estimularam as mudanças nas Ciências Humanas, principalmente na forma de pensar, de agir e de ser do sujeito, seja feminino ou masculino.

Em complemento a essa análise, o historiador Albuquerque Júnior (2010) enfatiza que esses movimentos foram importantes também para a politização do “corpo”, para a discussão de que ele se transforma seja: por gestos, atitudes, hábitos, comportamentos, costumes, formas de agir e de ser.

Albornoz (2008) afirma que essa politização do corpo, contribuiu para os avanços da ciência e da Medicina, principalmente sobre o controle da natalidade, a possibilidade do aleitamento materno artificial, fatos os quais levaram a presença de uma nova mulher. Para a pesquisadora Goldberg (1989), no Brasil nos anos 60, com a utilização das pílulas anticoncepcionais, muitas jovens se inquietaram com o seu “destino de gênero” e iniciaram então, os questionamentos sobre os valores

morais e comportamentais estabelecidos na sociedade, identidade e sexualidade, liberdade e amor nas relações entre homens e mulheres.

Estes autores afirmam que com a politização do “corpo”, conquistada com os movimentos feministas, em especial os contemporâneos, as mulheres conquistam a autonomia do seu próprio corpo, que deixa de ser pensado como propriedade do sexo oposto. Assim, o desenvolvimento da ciência e da medicina surge em atendimento a esta mulher, que por sua vez, exercita o poder de constituir projetos individuais, escolhas pessoais, necessidades biológicas, principalmente nos campos da sexualidade e da reprodução. Esta é a nova mulher que apresenta na sociedade.

Almeida (1998) reforça que estas reivindicações dos movimentos feministas trouxeram conquistas tanto políticas quanto socioeconômicas. Essas lutas garantiram o direito ao voto à mulher, à sua inserção na política, no mundo do trabalho, no acesso a educação em todos os seus níveis. Mas a historiadora Schienbienger (2001) ressalta a dificuldade de se discutir feminismo nas ciências. A problemática é que as pessoas ainda discutem sobre mulheres, ao invés do feminismo. Ela adverte que o termo é desconhecido, cita que para muitos ele é considerado um “palavrão”.

De certa forma, não se pode negar ou ignorar que não existam diferenças entre homens e mulheres. Estas diferenças perpassam desde as biológicas quanto sociais. No processo de aculturação de uma sociedade observa-se a divisão dos trabalhos por sexo, a subdivisão dos papéis nas relações familiares em que a responsabilidade pela criação dos filhos é a mulher (mãe) e a administração financeira da casa é o homem (pai).

Estas diferenças não são do tempo presente, mas foram construídas ao longo dos séculos. Segundo a autora Schienbienger (2001) no século XIX os liberais ignoravam e negavam as diferenças de gênero. Para eles, mulheres e homens pensavam e agiam da mesma forma.

Para analisar este processo, faz-se necessário compreender a história do feminismo. Este período foi dividido em três grandes momentos ou três "ondas". A primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX, a segunda nas décadas de 1960 e 1970 e a terceira na década de 1990 até a atualidade.

A *Primeira Onda Feminista* é marcada pelos primeiros questionamentos das relações entre os sexos masculino e feminino, por lutas em busca de direitos políticos, sociais, educacionais, negados às mulheres. A pesquisadora Schienbienger (2001) ressalta que no século XIX, quando iniciaram os primeiros avanços científicos e tecnológicos, as mulheres eram definidas como seres religiosos, amorosos, guardiãs da moral. Elas não tinham direito a voz em lugares públicos, somente no privado, em casa, no lar.

Antes do século XIX, o feminismo era discutido no campo restrito das teorias. Mas com a revolução indústria, as discussões ganharam forças também no campo econômico. As mulheres iniciam suas participações no mundo do trabalho e isto se tornou uma ameaça ao mundo dos homens, acostumados em tê-las por perto, restringidas nas participações na propriedade privada: o lar. Para impedir a emancipação política, econômica e social das mulheres, os antifeministas se recorreram à velha moral, com o discurso de que para a solidez de uma família era necessário a mulher no lar e não fora dele (BEAUVOIR, 1980).

A partir da conscientização de sua condição de subordinação ao sexo oposto, as mulheres iniciaram movimentos pela universalização da igualdade, pela busca da conquista de uma cidadania social e política nunca vista. Essas realizações provocaram no século XIX, encontros de mulheres para discutir sobre a necessidade de transformações nas relações de gênero.

Com isso, em continuação à luta pela sua liberdade, na década de 60, surge a *Segunda Onda Feminista*, marcada pela união de ideias dos movimentos civis com o grupo de feministas liberais. Esse grupo difundiu a concepção de que os mesmos direitos concedidos aos homens fossem estendidos às mulheres. Para Schienbienger (2001, p.23) "As feministas liberais tendem a ver uniformidade e assimilação como os únicos terrenos para igualdade, e isto freqüentemente requer

que as mulheres sejam como os homens – culturalmente ou mesmo biologicamente”.

Na década de 1970 as opiniões de uniformidade e assimilação entre homens e mulheres, começaram a dar novos rumos. Os assuntos sobre as relações sociais, as características biológicas de ambos os sexos, ganharam destaques nessa década, principalmente com as estudiosas anglo-saxãs. O desafio deste grupo era de demonstrar que as diferenças entre eles não tratavam somente de características anatômicas e fisiológicas, como também de desigualdades socioeconômicas, estritamente.

Desse modo, as representações de reconhecimento e distinção entre as de homens e mulheres e suas representações de masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico, não podem ser aqui consideradas como igualitárias, elas precisam ser questionadas. Isto posto, inicia-se na década de 70 a discussão sobre gênero. A autora Schienbienger ressalta que:

O termo “gênero” foi introduzido na década de 1970 em tentativas de refrear o então avassalador determinismo biológico, no sentido de distinguir formas culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade de “sexo” biológico, construído como cromossomos, fisiologia e anatomia. (SCHIENBIENGER, 2001, p.23)

Para as historiadoras Pinsky e Pedro (2012) o século XX foi o “século das mulheres”, pois os movimentos feministas provocaram várias transformações sociais, desde a ampliação de direitos quanto a oportunidades de mudanças, que influenciaram a qualidade de vida das mulheres. Com isso, após algumas discordâncias nas propostas difundidas pelos feministas liberais, na década de 80, um novo grupo, com um olhar mais crítico, promoveu outras indagações sobre o tema. Esse grupo foi chamado “feminismo de diferença”. Para esse não existia uma uniformidade entre homens e mulheres.

Posteriormente, nos anos 90, inicia a *Terceira Onda Feminista*, que segue até a atualidade. Para Aboim (2012) como já enfatizado por Pinsky e Pedro (2012), no decorrer do século XX, presenciou diversas mudanças nas relações de gênero, sendo que uma delas era a concepção patriarcal atribuída aos espaços públicos destinados aos homens e privados associado às mulheres. A autora Aboim (2012, p.99) “... Progressivamente, foram legitimados os direitos sociais das mulheres na esfera pública, decaindo também a imagem social do homem como provedor e figura de autoridade”.

Sobre a historiografia dos movimentos feministas no Brasil, pode-se dizer que eles foram constituídos em dois períodos. O primeiro com a Proclamação da República em 1890 e terminou com a constituição de 1934, momento em que as mulheres brasileiras conquistaram o direito de votar depois de quarenta anos de lutas. E o segundo aconteceu nas décadas de 1960 a 1970, com a união do movimento feminista com os movimentos de oposição aos governos da ditadura e o de redemocratização da sociedade brasileira nos anos 80 (MEYER, 2003).

A *Primeira Onda do Feminismo* no Brasil inicia-se no século XIX, quando as mulheres brasileiras, na sua maioria, não tinham o direito de aprender a ler e escrever. Esse direito era reservado apenas aos homens. Alguns anos após a independência do Brasil, em 15 de outubro de 1827, foi constituída a primeira legislação para o ensino primário, liberando o acesso das mulheres ao aprendizado. Mas era discriminatório, uma vez que elas só poderiam aprender as chamadas “prendas domésticas” (DUARTE, 2003).

Além disso, as ações de lutas femininas foram voltadas também para a conquista dos direitos políticos negados às mulheres. No Governo Provisório de Getúlio Vargas, foi instituído o Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, em que regulamentava o alistamento e o processo eleitoral no país, nos âmbitos federal, estadual e municipal. Dentre as inovações eleitorais, estava o estabelecimento do sufrágio universal e secreto. Nesse novo código, estendia-se o direito de voto a todos os brasileiros maiores de vinte e um anos, alfabetizados e sem distinção de sexo.

A *Segunda Onda do Feminismo* no Brasil ocorreu nas décadas de 1960 a 1970, pela influência dos acontecimentos culturais e políticos ocorridos na Europa e nos Estados Unidos nessa época. Em concordância com Meyer (2003), a autora Pedro (2006) destaca que na década de 1970, no Brasil, observou-se um ressurgimento do feminismo e que prevalece até os dias atuais. Foi o momento em que o país viveu com a união de forças, de grupos feministas e de movimentos contra a ditadura militar. Pedro (2012, p. 249) ressalta que nesse período “... várias mulheres que se opunham às diretrizes do regime tiveram que sair do país; foram banidas ou fugiram para não serem presas, torturadas, assassinadas”.

Para a autora Goldberg (1989), o início dos anos 70 foi o período em que algumas mulheres, intelectuais, iniciaram entre o movimento de liberação internacional, os estudos sobre “mulher”, questionamentos existenciais, ideológicos e políticos sobre a emancipação e /ou liberação feminina. Mas as discussões ocorriam especificamente entre a camada social em que elas conviviam.

Para a historiadora Pedro (2006) a “Segunda Onda” feminista no Brasil, como espaço de união e de movimento, surgiu em 1975 após a definição, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), do Ano Internacional e Década da Mulher. Nesse ano, no mês de julho, ocorreu no Rio de Janeiro na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) a primeira reunião feminista do país na qual discutiu “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, além disso, foi constituído o Centro da Mulher Brasileira (CMB).

Segundo Moraes (2012) no início da Década da Mulher, as feministas, enquanto movimento, conseguiram se reunir com grupos de mulheres, de diferentes setores sociais, em torno de problemas específicos. Essas reuniões foram intensificadas nos principais centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Sobre os motivos de reivindicação dos movimentos feministas no Brasil, a historiadora Pedro evidencia que:

Lutar no Brasil pela 'liberação das mulheres', no campo da esquerda e em plena ditadura militar, não permitia que o feminismo brasileiro fosse semelhante ao projeto que se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos, de onde vinham os livros, as idéias, as propostas. Certamente foi esse cenário o principal responsável pela data 'fundadora' de 1975. Aquelas que, anteriormente, estavam discutindo e formando uma nova feminilidade, não reconheceram como feministas as atuações de vários dos grupos que assim se denominavam, tornando a própria denominação 'feminista' alvo de intensas disputas. A luta contra a ditadura e a busca por 'conscientização' das camadas populares tornaram o movimento feminista e de mulheres uma maneira menos arriscada de realizar esse projeto. (PEDRO, 2006, p. 269).

Condizente com essa ideia, a autora Soihet (2012) acrescenta que no caso do Brasil, o movimento feminista tinha a preocupação com as mulheres vindas das camadas populares e das alianças com grupos do Movimento Feminino pela Anistia. Já os temas como a violência contra as mulheres, sexualidade e o aborto reivindicados dos feminismos nos Estados Unidos e na Europa Ocidental eram distanciados das discussões e reivindicações. As feministas que se propuseram a debater esses assuntos, principalmente as relações de poder entre homens e mulheres, não tiveram sucesso nesse período.

Na década de 1980 os movimentos feministas passaram a ter mais força política e social no Brasil, pois foi o período, após a anistia do retorno das mulheres exiladas do país. Com a volta delas, retomaram as discussões nos movimentos feministas, socializando as novas experiências obtidas com outros movimentos, principalmente os ocorridos na Europa (SARTI, 2004).

Portanto, pode-se dizer que os movimentos feministas tornaram-se mais institucionalizados e com isso influenciaram as políticas públicas do país, introduzindo debates sobre a violência física e simbólica ocorridas com as mulheres e questões como o aborto (SOIHET, 2012).

Outra conquista significativa da década de 1980, ocorreu em setembro de 1985, quando após a morte do presidente Tancredo Neves, o novo presidente José Sarney assumiu o compromisso de criar o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Esse Conselho tinha o objetivo de assegurar às mulheres, as condições de liberdade e igualdade de direitos, a participação nas atividades

políticas, econômicas e culturais do país. Sua constituição se estendeu até 1989, pois com o governo de Fernando Affonso Collor de Mello, em 1990, ele foi retirado do orçamento, tendo suspensas suas atividades de articulação das demandas encaminhadas pelo movimento feminista e também das mulheres em geral (SOIHET, 2012).

Dessa maneira, os movimentos feministas foram importantes para a crise dos padrões tradicionais que conservavam a ideia da mulher submissa. Proporcionaram algumas conquistas como o direito à educação, condições dignas de trabalho, uma vida profissional ativa. Sobre esse entendimento Brah enfatiza que:

O objetivo principal do feminismo tem sido mudar as relações sociais de poder imbricadas no gênero. Como as desigualdades de gênero penetram em todas as esferas da vida, as estratégias feministas envolvem um enfrentamento da posição subordinada das mulheres tanto dentro das instituições do estado como da sociedade civil. (BRAH, 2006, p. 342).

Mas para Albornoz (2008, p. 48) “... as ideias democráticas atingiram as formas culturais superficialmente, e conquistaram algumas modificações, mas não são conquistas decisivas, pois ainda não mudou o conceito de mulher”. Além disso, a autora ressalta que ainda persiste a ideia de dominação de um sexo pelo outro, a mulher ainda é analisada fora da cultura como uma entidade abstrata, como natureza. Para ela tanto homem como mulher, precisam ser reeducados a se aceitarem mutuamente como iguais opostos.

A luta do movimento não foi de igualizar os sexos, pois após os referenciais tratados neste capítulo (BEAUVOIR, 1980; SCOTT, 1995; ALMEIDA, 1998; SCHIENBIENGER, 2001; MEYER, 2003; BUTLER, 2003; PEDRO, 2012) sabe-se da diferenciação de ambos, seja biológica quanto social. Por outro lado, ainda vivencia-se falas de que o feminismo defende a ideia de “homens e mulheres biologicamente iguais”. Quem nunca ouviu a frase machista: “as mulheres hoje

querem ser iguais aos homens”. Mas, não é ser igual enquanto “sexo”. É defender a ideia pela igualdade de direitos a todos os seres humanos.

Quando se cita: “direitos a todos os seres humanos”, não se enfatiza igualizar homens e mulheres. Mas, sabendo das diferenças entre as pessoas, cabe ao ser humano respeitá-las e oportunizar por Lei, que os mesmos direitos sejam estendidos a todos, independentes do sexo, do gênero, da etnia e/ou da classe social.

### **3.2 Discussões sobre Gênero como construção social**

As relações sociais definiram as diferenças entre o ser biológico homem e o ser biológico mulher, em que cada ser humano assumiu no decorrer do processo histórico papéis sociais e foi nessas relações que nasceu as discussões sobre sexo/gênero. Entre as feministas que iniciaram os questionamentos sobre essa dualidade, cita-se a autora Judith Butler. Para ela o “... gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2003, p. 24).

Além desses conflitos, entre a dualidade sexo/gênero, outras discussões apareceram sobre o sujeito biológico e social. Como referência ao assunto menciona-se a filósofa existencialista Simone de Beauvoir, que em sua obra *O Segundo Sexo*, escrito em 1949, ela propôs a crítica ao “Sujeito único e absoluto” (BEAUVOIR, 1980, p. 19).

Entretanto para compreensão do tema “gênero” foi utilizado algumas referências publicadas por teóricos que estudam ou estudaram a temática (BEAUVOIR, 1980; SCOTT, 1995; SCHIENBIENGER, 2001; MEYER, 2003; BUTLER, 2003; PEDRO, 2012). Esses estudos apontaram algumas incoerências

produzidas historicamente sobre o conceito feminismo. No intuito de discutir essas contradições cabe inicialmente compreender o processo de construção do termo “gênero”.

A pesquisadora Schienbienger (2001) enfatiza na sua obra *O Feminismo mudou a Ciência?* que o termo gênero foi introduzido na década de 1970 para conter com as teorias do determinismo biológico, distinguindo formas culturais específicas de masculinidade e feminilidade. Em concordância com a autora, a historiadora Joan Scott (1995) acrescenta que gênero como análise de uma categoria apareceu no final do século XX, através de feministas contemporâneas que eram contra as teorias que reforçavam as desigualdades entre homens e mulheres. Para Scott (1995), é preciso analisar o ser humano individualmente como também nas suas relações sociais, culturais, políticas e econômicas.

#### Na fundamentação de Schienbienger

[...] Uma “mulher” é um indivíduo específico; “gênero” denota relações de poder entre os sexos e refere-se tanto a homens quanto a mulheres; “fêmea” designa sexo biológico; “feminino” refere-se a maneirismos e comportamentos idealizados das mulheres num lugar e época específicos que podem também ser adotados por homens; e “feminista” define uma posição ou agenda política. (SCHIENBIENGER, 2001, p. 32).

Ainda segundo a historiadora Schienbienger (2001), gênero funcionará em diferentes maneiras, sejam por ideologias como por identidade. Por ideologias, ele reforçará características ou comportamentos aceitáveis tanto para homens quanto para mulheres. Como exemplificação de ideologias de gênero, elas reportam a especificidades de região, religião, idade, classe, etnia, entre outras. Agora como identidade, gênero significa a individualidade tanto de homem quanto da mulher e suas mudanças conforme o contexto, o ambiente e a época. Isto é, gênero “... significa ser um homem ou uma mulher no interior de um determinado ambiente social” (SCHIENBIENGER, 2001, p. 46).

A autora Joan Scott (1995) menciona que para analisar gênero é necessário levar em consideração dois pontos. A primeira é que ele se constrói nas relações

sociais através das diferenças entre os sexos (masculino e feminino) e o outro ponto é que ele significa relações de poder. Para Almeida (2000, p. 11) “... num sentido amplo, o gênero é entendido como uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças sexuais e às relações que se estabelecem entre os dois sexos”. Contudo Scott completa ressaltando que:

[...] uma história que oferecerá novas perspectivas [...] redefinirá velhas questões em novos termos (introduzindo, por exemplo, considerações sobre a família e a sexualidade no estudo da economia e da guerra), tornará as mulheres visíveis como participantes ativas e criará uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixada do passado e nossa própria terminologia. Além disso, esta nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre atuais estratégias políticas feministas e o futuro (utópico), pois ela sugere que o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça. (SCOTT, 1995, p. 93).

Mas o estudo de gênero como mudança de concepção da diferença entre homem e mulher, também teve a sua contribuição com as pesquisas realizadas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Ele não conceituou o termo “gênero”, mas em sua obra “A dominação masculina”, escrita em 1998, propôs discutir as aparências biológicas representadas como uma construção social naturalizada.

Para Bourdieu (2002), a divisão dos sexos e suas diferenças sexuais foram tratadas no mundo social como naturais ou normais reforçando a dominação entre os sexos através da dominação simbólica.

[...] segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado) etc., que, para alguns, correspondem a movimentos do corpo (alto/baixo//subir/descer, fora/dentro// sair/entrar). Semelhantes na diferença, tais oposições são suficientes concordes para se sustentarem mutuamente, no jogo e pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas (BOURDIEU, 2002, p. 19).

Acrescentando essa análise a autora Butler aponta que:

Se gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. (BUTLER, 2003, P. 24).

Segundo Meyer (2003) o conceito de gênero não pode ser estudado na sua individualidade, pois ele enfatiza pluralidade e divergências culturais, construídas e distintas de corpos femininos e masculinos. A construção do conceito perpassa pela articulação da categoria com outras "marcas" sociais, como classe, etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade, que será vivida e vivenciada por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou, ainda, pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida.

Conforme Louro (2003), gênero deixa de ser uma questão de "identificação" de diferenças ou de sexualidade, pois as diferenças são produzidas, elas são atribuídas no interior de uma dada cultura; elas são determinadas por características que podem ser valorizadas como distintivas, de acordo com a sociedade envolvida.

Essas mudanças também atingiram as estruturas familiares, principalmente aquelas famílias patriarcais, representadas pelo homem com o papel de chefe do lar e a mulher com o papel de organizar as atividades domésticas, encarregada pela educação dos filhos, responsável pela procriação da espécie humana (ALBORNOZ, 2008).

Para Scott (2012) na ordem patriarcal, a mulher não questionava, não tinha projetos individuais, manifestação de desejos e sentimentos. Ela tinha que obedecer ao pai e/ou o marido, como se o homem sempre tivesse um domínio indissolúvel.

Para a historiadora Joan Scott (1995, p. 76), que estuda a categoria dentro de uma perspectiva histórica, “‘Gênero’ é um novo tema, novo domínio de pesquisas históricas, mas não tem o poder analítico se suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes”.

A historiadora Almeida acrescenta que:

A atual geração feminista incorpora a diferença como construção sociocultural que se refere aos dois sexos, sublinhando o conceito da igualdade na diferença, uma das concepções mais avançadas do seu ponto de vista. Neste, a diferença é aceita, mas não é aval para as desigualdades entre os sexos, o que significa um modelo de conduta no qual as peculiaridades existentes entre homens e mulheres são consideradas. (ALMEIDA, 2000, p. 10).

Contudo Judith Butler (1998) enfatiza que seja necessário desconstruir o sujeito feminino, não negar a sua utilização, mas encontrar suas múltiplas significações. Como destaca a autora, é necessário “emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas às quais esteve restrito e fazer dele um lugar onde significados não antecipados podem emergir” (BUTLER, 1998, p. 25).

Cabe ressaltar a contribuição significativa da teoria pós-estruturalista ao feminismo para o estudo da categoria gênero tratada neste trabalho. Perceber que gênero não é sexo, mas significa compreender como as relações de poder contribuem para a construção social do masculino e feminino, isto é, homens e mulheres serão definidos a partir das relações sociais e culturais numa determinada sociedade.

### **3.3 Mulher e o Mundo do Trabalho**

Como já enfatizado, algumas conquistas foram significativas para a construção da mulher atual. As transformações no casamento e na família possibilitaram a constituição de interesses e projetos individuais. As mulheres de hoje desfrutam de conquistas obtidas por lutas de outras mulheres, como o direito de estudar, de trabalhar fora de casa, de escolher casar, ser mãe, de votar (SCOTT, 2012). Em acréscimo ao exposto, a autora Almeida (2000, p. 6) enfatiza que “[...] o acesso das mulheres à educação e instrução, com vias a uma possível profissionalização foi muito mais relevante, do ponto de vista de sua emancipação, do que o voto”.

Essas conquistas surgiram na década de 1970, quando a mulher passa a ter maior acesso à educação formal; o poder de optar pela escolha ou não da maternidade, de ser mãe. Essa possibilidade apareceu com o avanço da medicina, a partir da disponibilização de métodos contraceptivos. No casamento, o direito de se divorciar legalmente e a possibilidade de estabelecer outros relacionamentos afetivos socialmente reconhecidos (SCOTT, 2012). Como complemento dessa situação nova, a historiadora Almeida (2012, p. 6) destaca que “O século que se iniciava exigia um novo tipo de mulher que se opunha aos padrões vigentes da mulher inculta, ignorante dos avanços de seu tempo ou somente versada em amenidades domésticas”.

Segundo Meyer (2003) na segunda metade do século XIX, as mulheres europeias e americanas pertencentes às camadas sociais burguesas foram ocupando cargos secundários em escolas e hospitais, pois os cargos de gestão eram dirigidos por homens. As atividades direcionadas às mulheres eram a de assistência social ou de educação. Sousa (2009), enfatiza que muitas, de diferentes níveis sociais e étnicos, se uniram para alterar essas relações de subordinação das mulheres e aceitação dessa realidade. A autora acrescenta que:

[...] mulheres que naquela conjuntura, tinham aproximadamente, entre 20 e 30 anos, frequentavam ambientes acadêmicos, grupos políticos organizados, associações estudantis, etc. passaram a opor-se, radicalmente, àqueles códigos e orientações sociais que, tinham forte consistência nas práticas relacionais da geração de suas mães, e que,

também, lhes foram transmitidos nos processos de socialização, especialmente no âmbito de suas famílias (SOUSA, 2009, p. 17).

No Brasil as mudanças com relação à presença feminina no universo do trabalho, nas cidades e no campo aconteceram na última década do século XIX. Nas zonas rurais, como as atividades eram agropastoris, a mulher continuava sendo tratada como inferior ao homem, devido a sua constituição física. Elas eram menos apta ao trabalho braçal, assim suas atividades estavam ligadas ao trabalho doméstico, ao artesanato e a pequenas lavouras (ALBORNOZ, 2008).

Segundo Matos e Borelli (2012), com a redução da presença feminina no setor industrial, aumentou seu trabalho nos empregos menos visíveis e estáveis, como os serviços domésticos e domiciliares e em atividades ligadas ao comércio e escritórios. No caso dos serviços domésticos, a socióloga Bilac (2014) informa que essa força de trabalho foi utilizada por mulheres que precisavam conciliar o trabalho com a família. Elas, na maioria, eram pertencentes à camada social da classe média e por parte das camadas populares e contratavam o serviço de outra mulher, para executar os afazeres domésticos, como serviços de limpeza, de cozinha, cuidados com roupas e até mesmo com crianças.

Além das mulheres que tentavam conciliar sua vida profissional com a familiar, observava-se nesse período a presença de mulheres que não consideravam o casamento como o principal motivo de realização pessoal, e sim o trabalho, a profissão. Muitas de classe média e/ou alta incentivavam as filhas a estudarem, com o objetivo de obter uma profissão em prol de seu próprio sustento, pensando em perspectiva futura para além do matrimônio e socialmente igualitária ao homem (SCOTT, 2012).

Já no Brasil nas décadas de 1960 a 1970, com as manifestações pelo mundo, observou-se um aumento da participação feminina no mercado de trabalho e um crescente movimento de mulheres visando a inserção e o reconhecimento profissional delas no mundo do trabalho. A autora Almeida (2012, p. 10) ressalta que “Nos anos 70 as mulheres tiveram possibilidades de exercer profissões e o

acesso às universidades foi consolidado, embora ainda coexistissem guetos profissionais”.

A autora Goldberg (1989), informa que no Brasil, em 1975, muitas pesquisas foram escritas na área do trabalho, em especial sobre o emprego doméstico domiciliar. Além disso, outros estudos sobre a formação profissional da mulher trabalhadora e a mão-de-obra feminina no Brasil. A historiadora Araújo (2003), ressalta que a mulher brasileira pertencente às camadas sociais favorecidas da época, vivenciava o conflito interno de exercer duas funções duplas: a de dona de casa e educadora dos filhos e a de cidadã consciente dos seus deveres e responsabilidade com a situação do país.

Segundo Schienbienger (2001), os problemas enfrentados pelas mulheres, como as responsabilidades familiares versus profissionais, o relógio da carreira acadêmica versus o biológico, têm origens históricas intensas. Para a autora, “A história das mulheres [...] não foi caracterizada por uma marcha de progresso, mas por ciclos de avanço e recuo. A situação das mulheres mudou junto com as condições sociais e os climas de opinião” (SCHIENBIENGER, 2001, p. 74).

Nas cidades, com o desenvolvimento industrial, elas foram envolvidas em diversos setores fabris, principalmente no setor de vestuário. Mas essa aceitação da participação da mulher no mercado de trabalho não rompia com discriminação social que já sofria. Para Almeida (2012, p. 7) “As mulheres engajadas no movimento, normalmente letradas e bem nascidas, viam a possível saída para romper com os mecanismos de dominação e opressão do seu sexo: a educação e a instrução”.

A socióloga e doutora em Filosofia Albornoz (2008), destaca que profissionalmente de início, as mulheres foram muito atacadas. Muitas eram aceitas socialmente em atividades profissionais denominadas “profissões femininas”, ligadas à educação, à saúde, secretariado, à moda, entre outras. Mas, aos poucos, foram conquistando seu espaço no mundo do trabalho, seja pelos motivos financeiros para sustentar a família, como também por motivos pessoais. Em acréscimo a essa ideia, sobre as “profissões femininas”, as autoras Matos e

Borelli (2012) cita que nessa época ocorreu a maior expansão dos cursos de qualificação nas áreas de Magistério, Secretariado, Contabilidade e Comércio, em escolas com salas especiais para mulheres.

Para Albornoz (2008), o trabalho para algumas mulheres serve como promoção social, pois representa uma forma essencial de realização pessoal, equilíbrio e crescimento. Mas, muitas passam por conflitos quando optam pela profissão, têm a árdua tarefa de conciliar a vida profissional com as funções da maternidade e da vida doméstica.

“[...] Ainda não foi perfeitamente reconhecida à mulher a necessidade de participar da cultura e do trabalho social, a fim de realizar-se como *homo sapiens* e *homo faber*, como ser pensativo e criativo, que se expressa e se afirma através de uma obra, e que não se realiza totalmente nas funções naturais do sexo e da maternidade” (ALBORNOZ, 2008, p. 22).

Ao analisar o processo histórico das lutas pelo trabalho, na sociedade ocidental, observa-se que ele não se construiu como princípio educativo, seja para o homem quanto à mulher. O trabalho feminino, inicialmente, foi liberado quando envolvia motivos financeiros, em que muitas mulheres, mães solteiras, precisavam sustentar suas famílias. Mas não foi um trabalho conscientizado para uma obtenção de realização pessoal (ALBORNOZ, 2008).

Embora haja a integração da mulher ao mundo do trabalho, presenciam-se ainda mulheres e homens com condições profissionais diferenciadas. Mulheres com salários baixos comparados aos homens; a licença maternidade usada contra elas na escolha de cargos e trabalhos.

Portanto, faz-se necessário ressignificar a concepção de trabalho, para romper com dominação de um sexo pelo outro. Homens e mulheres são seres humanos, não importa o sexo ou gênero, utilizam-se do trabalho para “... criar e expressar-se [...], mudando um pouco a face da terra com nossos esforços e nossa

personalidade, isto é ser humano, e não é apenas tarefa do homem, mas do homem e da mulher” (ALBORNOZ, 2008, p. 28).

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 Tipologia da pesquisa

Para o estudo do projeto, utilizou-se como procedimentos metodológicos a História Oral com a utilização da História de Vida e a pesquisa Biográfica, pois o objetivo do trabalho foi o de compreender as formas que as estudantes ressignificaram suas histórias de vida, sejam pelas convivências nos espaços sociais e educacionais, pelas relações pessoais e coletivas, suas influências e suas contribuições para a inserção no mundo do trabalho após conclusão do curso.

Por ser uma pesquisa qualitativa, no intuito de compreensão sobre a metodologia adotada, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os procedimentos citados acima.

O fato de ter utilizado a História Oral partiu-se do princípio que ela é utilizada para estudar as experiências sociais, os cotidianos de pessoas e/ou de grupos, oportunizando aos silenciados pela oficialidade documental, o direito de contar suas histórias de vida (MEIHY, 2002).

Delgado (2006) acrescenta que a História Oral é o registro de depoimentos da história vivida e não do seu compartimento, pois a construção de fontes e documentos dar-se pelas narrativas registradas, dos testemunhos, das versões e das interpretações sobre a História, seja em períodos factuais, temporais, espaciais, conflituosos e consensuais.

Thompson ressalta que:

[...] é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula a professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Leva a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ela ajuda os menos favorecidos, especialmente os idosos, a conquistarem dignidade e autoconfiança. Propicia o contato e a compreensão entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1992, p.44).

Brandão (2007, p. 1) comenta que “... uma história de vida é sempre individual e única – a história de um indivíduo particular contada a partir da sua perspectiva e à luz da sua experiência”. Ela traz a subjetividade de cada ser humano, por isso não pode constituir um relato objetivo do narrador. Cada depoimento será movido por paixões, por escolhas, por afetividade. São experiências únicas de quem está dando voz à história oral.

Neste projeto, propôs dar voz a um grupo de estudantes que participaram de um Programa que tem como objetivo nacional oferecer formação profissional e tecnológica articulada com a elevação da escolaridade a mulheres em situação de vulnerabilidade social. Elas narraram suas histórias de vidas do tempo presente, buscando significados através das memórias individuais e coletivas do grupo. Para Meihy (2002) a História Oral é considerada como história viva, pois através dos registros, das narrativas das pessoas, pode-se produzir a história do tempo presente.

Le Goff acrescenta que:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado e servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1996, p. 477)

Para Ferreira *et al* (2000), a História Oral também é um desafio no século XXI, pois o pesquisador precisa ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos, trazer essa realidade “indescritíveis” e muitas vezes testemunhar as situações de abandono. Ele precisa mostrar ao entrevistado que ele também pode ser ator da história.

Nessa perspectiva, para atingir o objetivo geral da pesquisa que era de compreender de que forma essas estudantes ressignificaram suas vidas, optou-se também pela História de Vida como procedimento metodológico. Pineau (2011) enfatiza que as biografias, narrativas e histórias de vida são abordagens que permitem dar voz aos sujeitos, ajudando-os a divulgar suas expressões e reflexões a partir da palavra.

Além das técnicas da História da Oral e de Vida, por se tratar de um estudo sobre narrativas, foi utilizada também a pesquisa biográfica. Segundo Krüger (2010), na área das Ciências da Educação, ela é a mais utilizada, pelo fato de permitir a coleta e análise das narrativas, relatos ou descrições sobre estilos de vida. Schütze (2010) ressalta que essa pesquisa tem como o interesse analisar ciclo de vida de grupos etários de uma sociedade, como de grupos de pessoas, pertencentes a uma determinada classe social.

Com isso, as histórias de vida das mulheres entrevistadas, foram registradas e estudadas, depois analisadas na perspectiva de formação de uma construção cultural, onde se cria um espaço de expressão e reflexão a partir do que foi exposto ao pesquisador. “A história de vida tanto forma o sujeito quanto este o forma” (PINEAU, 2011, p. 32).

Segundo Goss (2010), a metodologia qualitativa da pesquisa parte da premissa que os agentes sociais, através de suas ações e trajetórias, são sujeitos participante do processo. Suas ações e trajetórias de vida permitem a análise e avaliação do sujeito com o mundo social.

## **4.2 Problematização**

Depois de enfatizar sobre a escolha da metodologia adotada, que perpassou pela História Oral, pela História de Vida e pela pesquisa Biográfica, cabe ressaltar que nesse trabalho, procurou problematizar sobre: **Quais os motivos que levaram as mulheres, estudantes do Programa Nacional Mulheres Mil, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, inserirem em uma instituição escolar, escolherem uma qualificação, concluírem e/ou desistirem do curso após a sua escolha profissional?**

Entretanto, no intuito de compreender esses motivos, a pesquisa partiu-se da hipótese que todas essas mulheres trazem para a instituição escolar suas identidades, suas formas de agir socialmente, seus sentimentos, suas personalidades, seus significados, enfim, todos são individuais e também coletivos. Rösen (2007, p. 87) enfatiza que “[...] em uma sociedade, os sujeitos têm de se orientar historicamente e têm que formar sua identidade para viver – melhor: para poder agir intencionalmente”.

Dessa forma, para levantar os motivos das escolhas e renúncias, das mulheres envolvidas com a pesquisa, a investigação foi dividida em três blocos de questões:

- a) Sobre a vida pessoal de cada uma
  - ⇒ Se ela tem ou teve um relacionamento duradouro ou estável (manteve um relacionamento emocional mais estável)? E como é ou foi?
  - ⇒ Se ela teve filhos ou não? E caso positivo, como é o relacionamento com eles?
  - ⇒ Se ela já teve uma perda de alguém importante?
  - ⇒ Se ela é uma pessoa com amigos ou amigas? Se alguns deles podem ser considerados íntimos, a ponto de recorrer quando aparece algum problema?
  - ⇒ Se ela tem casa própria?
  - ⇒ Se ela já passou por alguma dificuldade financeira?

- ⇒ O que ela faz no seu tempo livre?
- ⇒ Se ela tem expectativa de fazer alguma coisa daqui a cinco anos? E o que é?
- b) Vida escolar
  - ⇒ Se ela gostava de frequentar a escola? E como foi esse sentimento no curso realizado no Instituto?
  - ⇒ Se ela tinha muitos amigos ou ficava mais sozinha? E como foi essa relação com os colegas de sala no curso realizado no Instituto?
  - ⇒ Se ela teve dificuldades para aprender? E como foi no curso realizado no Instituto?
- c) Vida profissional
  - ⇒ O que ela fazia antes e depois de terminar (ou deixar) os estudos? Permaneceu muito tempo nessa atividade?
  - ⇒ Quais outros trabalhos ela já realizou?
  - ⇒ Se ela gosta ou gostava do trabalho (dos trabalhos)?
  - ⇒ Como é ou foi o relacionamento com os chefes e colegas de serviço?
  - ⇒ Quais as suas expectativas de trabalho e para o seu futuro considerando a conclusão do curso no Instituto?

Assim, estes questionamentos fizeram parte do estudo e ajudaram a compreender o processo de ressignificação das histórias de vida das mulheres, estudantes do Programa Mulheres Mil. Para auxiliar na compreensão buscou-se a fundamentação nos conceitos de “aprender” e de “formação” do historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, mesmo que o trabalho do autor tenha sido para a didática da história, mas por se tratar de uma ciência ligada ao cotidiano, que envolve o conhecimento histórico como processo de conscientização, utilizou-se desta teoria na pesquisa.

Para Rüsen (2001), os sujeitos são movidos por carências. Essas carências levam à busca de interesses diversos, seja por satisfação pessoal, por orientação no agir, por respostas para a vida cotidiana. Assim, o ato de agir é intencional do ser e traz significados próprios. Pode-se dizer que os seres humanos buscam

através dos aprendizados, significados, seja com objetivo de recuperação do passado, por um entendimento do presente, ou uma simples projeção do futuro.

Nessa perspectiva, o conceito de “aprender” para Rösen (2007) é de que o “ato de aprender” está presente no ser humano desde o nascimento. Ele faz parte da cultura desse ser, do seu dia a dia, da sua vida prática. O aprender é uma orientação de vida e por isso é intencional. Ele vem de dentro (identidade) para fora (práxis). Ele permite que os sujeitos enfrentem suas situações cotidianas da vida, que procurem por conhecimentos, com o objetivo de superar as carências de aprendizagem. Nas explicações do autor:

O aprendizado histórico caracteriza-se, pois, como um movimento duplo: algo objetivo torna-se subjetivo, um conteúdo da experiência de ocorrências temporais é apropriado; simultaneamente, um sujeito confronta-se com essa experiência, que se objetiva nele. Isso não quer dizer, no entanto, que a história aprendida seja um estado de coisas estático e definitivo, previamente dado, que a consciência apenas reproduziria, como num espelho. Tampouco quer dizer que o aprendiz deva estar restrito exclusivamente ao aprendizado da história. Uma concepção desse tipo, erroneamente, subestimaria o papel produtivo do sujeito e coisificaria a “história”. De outro lado, a história é mais do que um mero construto subjetivo da consciência histórica (RÜSEN, 2007, p. 106).

Nessa premissa, o aprendizado tem que ser entendido aqui como um processo intencional do sujeito, que procura por orientação do saber. Esse aprendizado vai além dos chamados “recursos pedagógicos” adquiridos em instituições escolares. Ele é constituído pela orientação da vida, pela formação de uma identidade, pela experiência e interpretação da própria vida (RÜSEN, 2007).

Já o conceito de “formação” para o autor está vinculado entre o saber e o agir. Ela será um conjunto de competências, vinculadas à interpretação do mundo e de si mesmo. Essas competências serão adquiridas por um ato intencional de agir e buscar superar as carências de aprendizagem, com o objetivo de atingir uma realização pessoal. Na concepção de Rösen.

“Formação” significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir como o máximo de autoconhecimento, possibilitando o máximo de auto-realização ou de reforço identitário. Trata-se de competências simultaneamente relacionadas ao saber, à práxis e à subjetividade. (RÜSEN, 2007, p. 95).

Desta maneira, os saberes serão adquiridos em vários espaços, em diversos momentos da vida. Segundo Rüsen (2007), os conhecimentos obtidos com essas experiências, sejam coletivas e/ou individuais, permitirão que a aprendizagem tenha sentido na vida do ser humano. Esse é o processo de conscientização histórica, em que “... essas orientações, os sujeitos tornam-se próprios – recusam orientações prévias ou impostas e desenvolvem suas próprias orientações, que exprimem sua particularidade, sua diversidade, sua contraposição” Rüsen (2007, p. 46).

### **4.3 Sujeitos da pesquisa e fontes de coletas**

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram cinco mulheres, estudantes do Programa Nacional Mulheres Mil, pelo Instituto Federal do Tocantins – IFTO, nos cursos de qualificação, em turmas ofertadas no ano de 2012 a 2013, nos municípios de Palmas e Porto Nacional.

Para a escolha dessas turmas, a pesquisadora, por residir e trabalhar na capital do Estado, teve que delimitar o campo de pesquisa, nos *campi* do IFTO, localizados nos municípios próximos à cidade de Palmas, pois o *Minter* entre o IFTO e a Universidade Federal de Santa Maria – RS não liberava no ano de 2014 a 2015, afastamento das atividades profissionais. Desta forma, a escolha aconteceu mediante as posições geográficas entre os *campi* do IFTO.

Nos anos de 2012 a 2013, o Instituto teve quatro *campi* com a oferta do Programa Mulheres Mil: Araguatins, Dianópolis, Gurupi e Palmas. Considerando como referência o município de Palmas, sua distância média entre os municípios de Araguatins, Dianópolis e Gurupi, é superior a 400 km. O município de Porto Nacional, dentre as cidades mencionadas acima, localiza-se a 60 km da capital.

Por esse motivo optou-se por realizar a pesquisa nos municípios de Palmas e Porto Nacional, com a coleta de narrativas das mulheres que estudaram no Programa Mulheres Mil, nas turmas de qualificação: Camareira, ofertada pelo *Campus* Palmas; e informática para o espaço doméstico e do trabalho, ofertada no *Campus* Porto Nacional.

Na primeira fase da pesquisa, realizada no segundo semestre de 2013, foi da escolha pela técnica de entrevista. Para a definição da técnica, foram realizadas algumas leituras sobre autores (FERNANDES, 2011; KRÜGER, 2010; SCHÜTZE, 2010; MEIHY, 2002; THOMPSON, 1992) que estudam ou estudaram as técnicas de se entrevistar pessoas a partir de histórias de experiências de vida.

Para o sociólogo alemão Fritz Schütze (2010), a técnica da entrevista narrativa utiliza a análise de interpretações biográficas que devem ser utilizadas para a reconstrução de história de vida. Segundo o pesquisador Fernandes (2011), as narrativas traduzem as expressões culturais de pessoas ou grupos de uma determinada classe, através dos conhecimentos, sentimentos, concepções e experiências, todas socializadas nas falas.

É importante o papel do entrevistador no momento das narrativas. Segundo Thompson (1992), o entrevistador para ter êxito, precisa estar disponível para ouvir e ficar calado, ter o interesse e respeitar as pessoas envolvidas com a pesquisa, demonstrando compreensão e simpatia.

Nessa proposição, pode-se dizer que a técnica da entrevista narrativa empregada na pesquisa foi a de Fritz Schütze. "... que visa a produção de toda uma história de vida ou apenas de um certo segmento temporal relacionado ao conteúdo de uma biografia" (KRÜGER, 2010, p. 45).

Para a composição do universo da pesquisa, foi extraída do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (Sistec), uma lista contendo as seguintes informações de cada estudante dos cursos acima citados: nome, CPF, data de nascimento e *status*. Na lista referente à turma de Camareira apareceram 73 (setenta e três) matrículas, sendo que 71 (setenta e uma) estudantes *status* concluído e 2 (duas) de desligado. Na turma de informática para o espaço doméstico e do trabalho foram 61 (sessenta e uma) matrículas, sendo que 48 (quarenta e oito) estudantes concluintes e 13 (treze) desligadas.

Desta forma, para compreensão dos motivos que levaram essas mulheres inserirem em uma instituição escolar, escolherem uma qualificação, concluírem e/ou desistirem do curso, foi proposta 8 (oito) entrevistas, sendo 4 (quatro) entrevistas com concluintes e 4 (quatro) com desistentes. A opção foi que em todos os *status* tivessem 2 (duas) entrevistas por curso.

Cabe ressaltar que delimitar inicialmente o quantitativo da pesquisa para oito entrevistas, tratava-se do fato de que como pesquisadora teria que conciliar a pesquisa com as atividades profissionais desenvolvidas, já que não foi possível o afastamento no ano da coleta de dados.

A segunda fase da pesquisa, iniciada no primeiro semestre de 2014, teve o objetivo de localizar as estudantes a serem entrevistadas. Nessa etapa, teve-se o apoio das coordenações do Programa Mulheres Mil dos *campi* Palmas e Porto Nacional, que disponibilizaram o acesso ao arquivo para conhecimento das informações pessoais dessas mulheres.

Mas, no processo de levantamento dos dados, contato telefônico e endereço, encontrou-se dificuldade na localização de algumas. Desta forma, tiveram 9 (nove) entrevistas confirmadas, mas apenas 5 (cinco) mulheres se propuseram participar da pesquisa. As outras 4 (quatro) mulheres não apareceram e nem justificaram as ausências. Sem justificativa, teve-se como suposição ou hipótese de que a desistência tenha sido por dificuldades na exposição de suas vidas ao outro, no caso, a pesquisadora.

Assim, a pesquisa foi reajustada, contando com a participação voluntária de 5 (cinco) mulheres, sendo 1 (uma) estudante desligada e 4 (quatro) que concluíram o curso.

Foi realizado, inicialmente, um contato telefônico com cada mulher, que tinha se matriculado nos cursos de qualificação em: Camareira (*Campus Palmas*) e informática para o espaço doméstico e do trabalho (*Campus Porto Nacional*). Por telefone era explicado o objetivo da pesquisa, os procedimentos que seriam adotados para as entrevistas e, caso ela concordasse com o encontro, era agendado data e local.

Sobre a data e o local, estes eram escolhidos pelas entrevistadas. As mulheres preferiram se encontrar no Instituto Federal do Tocantins, do que em outro lugar. Mas teve um caso específico, em que a entrevistada, por problema de saúde, solicitou que a mesma fosse realizada em sua residência. Tiveram encontros agendados, em que as depoentes não apareceram e nem justificaram. A pesquisadora entrou novamente em contato com essas, mas a resposta foi negativa, sendo desconsideradas da pesquisa.

Quanto à fonte de coletas, para o pesquisador Krüger (2010) temos atualmente três tipos: o primeiro o pesquisador não produz dados, mas trabalha com materiais existentes, como os diários, as autobiografias ou ensaios. O segundo inclui as diversas observações realizadas pelo pesquisador. E o terceiro tipo inclui as diversas técnicas de entrevistas.

Nessa premissa, a terceira fase da pesquisa aconteceu a partir do segundo semestre de 2014, com as coletas dos relatos individuais das depoentes. Nessa fase, foram gravadas as histórias de vida das mulheres que estudaram e/ou desistiram dos cursos de qualificações ofertados pelo Programa Nacional Mulheres Mil no IFTO, nos *campi* Palmas e Porto Nacional.

Nesse encontro, entre pesquisador e depoente, foi explicado novamente os objetivos e os procedimentos da entrevista. Logo em seguida, a entrevistada lia e assinava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo A).

Para a coleta das histórias, foi utilizado como recurso um gravador de áudio, visando garantir a fidedignidade das falas e o anonimato da entrevistada. Para Meihy:

Deve-se distinguir, claramente, a diferença entre o mero registro de experiências gravadas, das fontes orais constantes dos bancos de entrevistas – que também demandam planejamentos –, e os projetos que organizam a coleta de depoimentos segundo algum critério capaz de justificar a pesquisa, que se destina a ser aberta ao público – dando a ele acesso às fitas e às publicações delas decorrentes. (MEIHY, 2002, p. 162)

Além da gravação das falas, as entrevistas eram acompanhadas de um roteiro de apoio (Apêndice A), elaborado pela pesquisadora com a colaboração do professor orientador da pesquisa.

A quarta fase da pesquisa iniciou junto com a terceira. Devido a problemas de saúde da pesquisadora, ocorreu atraso na coleta de entrevista, por esse motivo a cada coleta já iniciava sua transcrição. Segundo o filósofo e historiador Montenegro (2007, p. 24) ressalta que “... A fala do entrevistado – transcrita – estabelece campos narrativos e possibilita estudar de forma detalhada as identidades e diferenças do mundo das memórias”.

Ainda segundo o autor Montenegro:

Os depoimentos divulgados começam a criar uma outra referência histórica, cultural, que até então estava circunscrita apenas a sua própria classe, pequenos grupos de amigos e familiares. A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem um novo estatuto ao serem socializados. Transformam-se em documentos apresentando um retrato da realidade, que passa a disputar a hegemonia do imaginário social com outras versões/representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores. A diferença significativa é que a fala, a história, a representação não estão descoladas do sujeito. (MONTENEGRO, 2007, p.27).

Com a transcrição das entrevistas, foi possível conhecer as mulheres dessa pesquisa. Mulheres lutadoras, guerreiras, que viram no estudo uma possibilidade

de mudança, de conquistar um espaço no mundo do trabalho. Outras não puderam, ainda, ter essa conquista, por problemas de saúde tiveram que interromper essa etapa. Mas isso só é possível, pois “... O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa” (CANDAU, 2011, p. 71).

Por isso, é importante compreender o desenvolvimento de uma pesquisa biográfica e de história de vida, pois o entrevistado é o sujeito que narra sua própria história de vida e se constrói a partir dos contextos históricos, social, cultural e político. O entrevistador deve utilizar a pesquisa biográfica para compreender como esses sujeitos sociais integram, estruturam, interpretam os espaços e os contextos (DELORY-MOMBERGER, 2011).

## 5 MULHERES TOCANTINENSES: NARRATIVAS CONTADAS NO COTIDIANO DO IFTO

Maria, Maria  
É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece  
Viver e amar  
Como outra qualquer  
Do planeta

Maria, Maria  
É o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri  
Quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta...

(Milton Nascimento e Fernando Brant, 1978).

### 5.1 Quem são as “Maria Maria” do Programa Nacional Mulheres Mil

No início do capítulo, foi citada parte da letra da música de Milton Nascimento e Fernando Brant, *Maria Maria*, composta em 1978, para representar as muitas mulheres que, no final da década de 1970, lutaram pela sobrevivência, trabalhando fora do lar para o sustento da família, rompendo-se a subordinação reforçada pelas relações patriarcais, da dominação masculina.

Essas mulheres, de diferentes etnias, classes sociais, regiões, com diversas culturas, foram e continuam sendo essas “Marias”. Por esse motivo faz-se uma pergunta: Quem foram as “Maria Maria” desta pesquisa? Para representá-las no

trabalho, todas as entrevistadas tiveram seus nomes trocados para manter os seus anonimatos. Como forma de apresentar suas histórias foram utilizadas títulos de letras de músicas com nomes de mulheres: Tereza, Cecília, Amélia, Irene e Iracema.

A Teresa com 52 anos nasceu no Estado de Sergipe, casada, mãe de uma filha, residia em casa própria, estudou até o Ensino Médio e no IFTO fez o curso de qualificação em Camareira e o técnico em Hospedagem. No dia da entrevista, ela relatou que não trabalhava fora de casa, mas que já teve experiências profissionais como telefonista e encarregada de serviços gerais.

A Cecília, com 27 anos, nasceu no Estado do Tocantins, casada, mãe de um filho, residia em casa cedida, estudou até o Ensino Médio e no IFTO fez o curso de qualificação em Camareira, técnico em Hospedagem e cursava o tecnólogo em Gestão de Turismo. Ela mencionou que exerce atividade profissional fora do lar. Já teve experiência como atendente de caixa em supermercado e lanchonete, foi doméstica e babá. Em 2010 trabalhou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Atualmente está de contrato com a Secretaria do Estado do Tocantins, como auxiliar administrativa, mas exerceu nesse lugar o cargo de serviços gerais. Além disso, no dia do relato, informou que tinha passado em concurso público da prefeitura de Palmas e aguardava ser chamada para Agente Educacional.

A Amélia, com 41 anos, nasceu no Estado do Tocantins, casada, mãe de um casal de filhos, residia em casa própria, estudou até o Ensino Médio e no IFTO fez o curso de qualificação em Informática para o espaço doméstico e do trabalho por duas vezes. Sobre as atividades profissionais ela mencionou que já trabalhou, antes de casar, como professora de datilografia, em lojas e supermercado. Atualmente ela exerce atividades no lar e com vendas autônomas, como: cosméticos, roupas de cama, mesa e banho.

A Irene, com 42 anos, nasceu no Estado do Tocantins, casada, mãe de três filhos e uma filha, residia em casa própria, estudou até o Ensino Fundamental e, no IFTO, iniciou o curso de qualificação em Informática para o espaço doméstico e do

trabalho, mas interrompeu por problemas de saúde. Sobre as atividades profissionais ela relatou que a única atividade profissional exercida até hoje é cuidar de casa, dos quatro filhos e o marido.

A Iracema, com 28 anos, nasceu no Estado do Tocantins, solteira, sem filhos, residia em casa própria, estudou até o Ensino Médio e, no IFTO, fez o curso de qualificação em Informática para o espaço doméstico e do trabalho e cursava a licenciatura em Computação. Sobre as atividades profissionais ela falou que trabalhou em um supermercado e em uma clínica veterinária. Hoje ela presta serviço no Instituto em troca da bolsa de colaboradora.

Para construção do perfil das estudantes, que se matricularam nos cursos de qualificações, ofertados pelo IFTO, nos *campi* Palmas e Porto Nacional, foram utilizadas as informações obtidas pelas Coordenações do Programa Mulheres Mil e dos dados retirados do Sistec.

Sobre a faixa etária da turma de Camareira, as 73 (setenta e três) matriculadas eram de 23 a 61 anos. Na turma de Informática para o espaço doméstico e do trabalho foram 61 estudantes com a idade de 20 a 67 anos.

Nessa pesquisa, foram propostas oito entrevistas. Teve-se a oportunidade, a partir das listas de matriculados pelo Sistec, com os contatos telefônicos conseguidos nas coordenações dos cursos, a concessão de nove depoimentos. Mas, no decorrer dos agendamentos, quatro dessas confirmaram a participação, só que não apareceram no local e horário agendados.

A intenção era possibilitar um novo agendamento, conforme disponibilidade das depoentes. Para isso, realizou-se novos contatos, para novas possíveis datas, mas no final essas mulheres resolveram cancelar vossas participações. Dessa forma, foram ouvidas significativamente cinco grandes mulheres, que proporcionaram um momento inenarrável de história de persistência e esperança de uma vida melhor a partir dos estudos.

No encontro, individualizado, a cada mulher, pôde tranquilamente se expressar em palavras uma parte de sua história de vida. Nesse momento era só a

entrevistadora e a entrevistada. E como pesquisadora, queríamos ali, “a ajudar o pesquisado a dar a sua verdade ou, melhor, a se livrar da sua verdade” (BOURDIEU, 2008, p. 709).

Dessa forma, para levantar os motivos das escolhas e renúncias, das mulheres envolvidas com a pesquisa, a investigação foi dividida em três blocos de questionamentos: vida pessoal, vida escolar e vida profissional.

Sobre a vida pessoal, nas falas das mulheres, elas situam suas relações familiares e conjugais, como estável, duradouro e/ou estruturado. Nos relatos<sup>2</sup> abaixo, esclarecem este posicionamento:

*[...] Casada a vinte um anos[...] Do meu primeiro relacionamento tenho uma filha de vinte dois anos... pois é ... tenho um **casamento estável** [...]. (TERESA, 52 anos, grifo nosso).*

*[...] **Duradouro... Bem duradouro**, já há 11 anos. [...] no caso, meu primeiro namorado, que virou esposo, pai do meu filho e estamos juntos até hoje [...]. (CECÍLIA, 27 anos, grifo nosso).*

*[...] **É... duradouro** [...] Porque desde que eu me casei... estou com meu esposo, tenho minha família, tenho meus dois filhos, e tamos aí [...] Já... se faz dezessete anos [...]. (AMÉLIA, 41 anos, grifo nosso).*

*[...]É uma relação assim bem tranquila, muito boa, [...] procurando ter um relacionamento bem mais tranquilo, [...] porque é bom pra todo mundo. Não é só pra gente, mas pra família, [...] tenho 27 anos de casada. Tenho quatro filhos [...] um **relacionamento familiar assim muito bem estruturado** [...]. (IRENE, 42 anos, grifo nosso)*

*[...] Sim, meus **relacionamentos são todos duradouros**. O primeiro foi quatro anos, e o ultimo agora oito anos [...]. (IRACEMA, 28 anos, grifo nosso).*

A origem da família como expressão que se conhece atualmente foi retratada por Friedrich Engels em 1884, como um “organismo social”. Na sua obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, o autor enfatiza que a expressão foi inventada inicialmente pelos romanos, conforme assim se segue:

---

<sup>2</sup> Colocaremos em itálico e entre aspas todas as citações retiradas das transcrições das entrevistas.

[...] A expressão foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre todos eles. "A palavra não é, pois, mais antiga que o férreo sistema familiar das tribos latinas que nasceu ao introduzirem-se a agricultura e a escravidão legal, depois da cisão entre os gregos e latinos arianos."

[...] Para assegurar a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos, aquela é entregue, sem reservas, ao poder do homem: quando este a mata, não faz mais do que exercer o seu direito. (ENGELS, 2002, p. 69-70)

Cabe enfatizar que nessa pesquisa, procurou entender as estruturas familiares como relações e não como indivíduos isolados. Como sugere a autora Sarti (2004, p. 13), “[...] família como algo que se define por uma história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será, por eles, reproduzida e re-significada”.

Além disso, a autora ressalta que família simbolicamente é construída a partir das suas relações em uma dada cultura, dentro “dos parâmetros coletivos do tempo e do espaço em que vivemos, que ordenam as relações de parentesco (entre irmãos, entre pais e filhos e entre marido e mulher)” (SARTI, 2004, p. 14).

Nos relatos identifica-se a constituição da família tradicional constituída por laços biológicos, formados por relações de parentescos entre pai, mãe, filhos e entre irmãos, a partir do casamento. A família composta pela união de homem e mulher que vieram de relações anteriores e muitas vezes trazem consigo filhos. E a família representada pela mãe e filhos, sem a figura e a participação do pai.

Nas falas das mulheres, que participaram dessa pesquisa, em muitas delas, a maternidade, o cuidado, o amor com os filhos e marido são importantes para a constituição familiar. Como exemplificação disso, seguem os relatos:

*[...] Então minha filha tinha... de vezes em quando, ela tava um período doente, aí meu deu o luxo, e fiquei com tempo, **cuidando dela**[...] E aí minha filha foi crescendo, crescendo, entrando na adolescência. Aí nesse tempo meu esposo, depois de três anos, ele se concursou. Então ele já*

deu[...] deu uma estabilidade melhor pra gente [...]. (TERESA, grifo nosso).

[...] **Eles são ótimos filhos.** Tenho um filho de treze e tenho uma filha de quinze. Eles são estudiosos, inclusive uma estuda aqui e tira nota boa [...]. **Família abençoada** [...]. (AMÉLIA, grifo nosso).

[...] E a gente tem sempre buscado essa vida sempre tranquila, melhor pra eles, [...] Que é estudar, [...] ter um bom trabalho [...]. Então assim, a gente tem procurado assim... ter bastante **cuidado nesse relacionamento... pra que eles tenham a base bem firme, bem perfeita.** [...] às vezes a gente fica emocionado até mesmo... **só em ver eles, aonde eles estão, a gente fica emocionada.** É uma emoção muito grande que eu tenho [...]. (IRENE, grifo nosso).

Nessa premissa, a autora Mary Del Priore (2006, p. 7) cita que “A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, [...] dos seus amores e dos seus sentimentos”.

Teve um caso especial no relato da Cecília, na sua fala ela demonstrou uma relação familiar, de responsabilidade compartilhada entre ela e o “esposo”. Quando questionada sobre a contribuição e ajuda dele na relação, ela citou: “[...] *Eu trabalho o dia todo. **Ele** que leva o neném pra escola... pega... leva pra casa, dá janta, banha, põe pra dormir... Faz a janta [...]*”. Isso mostra as mudanças ocorridas nos modelos de estruturas familiares após o século XX.

Segundo Aboim (2012), algumas sociedades existem a divisão do trabalho profissional e doméstico entre homem e mulher, de modo que não sobrecarrega nenhum dos dois, utiliza-se para isso o critério de proporcionalidade. Para a autora, isso seria a igualdade mais justa nas relações entre homens e mulheres.

Mas a autora Oliveira (2009) enfatiza que vivemos em uma sociedade em que a “conjugalidade” nem sempre são verdadeiras. As estruturas familiares buscam hoje, estabilidade financeira, a satisfação pessoal e a realização de um sonho. Assim, no casamento, os projetos individuais são anulados com relação ao outro.

A Iracema pelo seu relato é uma jovem solteira, pois quando perguntada com quem morava, a entrevistada informou: “*Com minha mãe e meu sobrinho*”.

Identifica outra forma de estrutura familiar, em que a chefia da família é pela mulher, esse modelo está presente, nos dias atuais, principalmente nos centros urbanos, em que a mulher precisa enfrentar a sociedade para sustentar os membros da família. A autora Macedo (2008) evidencia que a família monoparental, em que a mulher é chefe, se constitui por diversas trajetórias, ou pelo fato de ser solteira, viúva ou separada com filhos; como casada e morando com companheiro e filhos, ou vivendo com parentes e outros agregados.

A autora Oliveira acrescenta que:

[...] apesar de muitas denominações atuais sobre família, como família reestruturada, *reconstituída*, *reorganizada*, *nova família*, não há um conceito novo de família, pois embutidos na família, existem várias possibilidades de novas configurações, não ficando exclusivamente em um único modelo. (OLIVEIRA, 2009, p. 70)

No assunto vida escolar, as mulheres entrevistadas já cursaram uma ou duas etapas do ensino. Duas delas estão inseridas em cursos de graduação. Nos depoimentos mostraram as dificuldades para estudar, entender os conteúdos, as amizades construídas e os apoios dos docentes. Seguem as falas que narram essa trajetória:

[...] *na verdade no curso, a gente é tinha mais[...] uma prova de consulta. Mas quando eu **sentia uma dificuldade**, alguma coisa, eu dizia: "Poxa não tem prova? Como assim, precisa ter prova". Prova é a presença e a... tem o sorteio aqui, a gente vai fazer dinâmica na sala [...] na verdade pra quem ficou parada tanto tempo, ah isso existi?... [risos]. **Nossa, na minha época, é quando eu estudei isso, isso é novo? Entendeu? Nossa que legal [...]**. (TERESA, grifo nosso).*

[...] *gostei do curso. **O que eu aprendi no curso eu mantenho em casa...** eu arrumo minha casa do jeito que eu aprendi no curso. E... quando eu vou pra casa das minhas amigas também faço isso no quarto delas, arrumo direitinho como aprendi no curso. **Fiz duas amigas, inseparáveis**, das duas com o mesmo nome [...]* (CECÍLIA, grifo nosso).

[...] *Que eu me lembro assim que eu nunca fui àquela pessoa assim de "pegar rápido. [...] Mas, assim, **eu tinha certa dificuldade**, mas como eu era uma pessoa muito esforçada, [...] **eu procurava sempre bater na mesma tecla até aprender, eu consegui [...]**"*(AMÉLIA, grifo nosso).

*[...] Mas só que tinha vez que tinha que **levar os meninos que eram pequenos**, [...] E na época eles tinham cinco anos, seis anos... quatro anos, outro tinha três anos [...] eu comecei fazer... **o ensino fundamental e eu tinha que levar eles**. Às vezes...Tinha noite que eu tinha que levar [...] Levei muitas vezes, quando tinha necessidade de levar eu levava [...]. (IRENE, grifo nosso).*

*[...] eu não tinha tanto por já ter feito computação. **Mas teve coisa nova que eu consegui aprender, pois o professor era muito dedicado** [...] todo mundo participava, todo mundo se enturmava. Facilitava porque da minha idade eram poucos, **quem tinha dificuldades a gente procurava ajudar pra facilitar o aprendizado do grupo todo** [...]. (IRACEMA, grifo nosso).*

Nessa perspectiva, o ensino obtido no Instituto Federal do Tocantins possibilitou mudanças positivas na vida de cada mulher. O processo educacional foi significativo, como enfatiza os autores Borges e Brandão (2005, p. 16-17) é a “... concepção de educação que traz em si não sem fim utilitarista, mas uma visão libertadora, em que o conhecimento ocupa lugar central na dinâmica do ensinar e do aprender”.

O último tópico da entrevista foi sobre a vida profissional das mulheres entrevistadas. Nas falas pode verificar que todas realizam algum tipo de atividade. Tiveram depoentes que trabalham somente em casa, cuidando dos filhos e marido, outras além dos serviços domésticos, procuram ocupar algum tempo com vendas autônomas de cosméticos, roupas de cama, mesa e banho. Mas têm aquelas que além de mãe, esposa ou filha, exercem atividades profissionais fora de suas residências. Nos relatos que se seguem são identificadas essas especificidades:

*[...] **eu comecei a trabalhar de fato... no mercado**, minha atividade foi bem mais focada com telefonista. [...] fui telefonista de [...] hotéis e [...] de uma empresa. **E depois, aí veio o casamento**. [...] a minha filha ela teve problema de saúde por um tempo, pequena, aí eu dei um tempo. Depois eu voltei. [...] meu último emprego foi no shopping, de encarregada de serviços gerais, na parte de coordenar. [...]. **Eu comecei a estudar, eu não voltei ao mercado de trabalho** [...]. (TERESA, grifo nosso).*

*[...] **comecei trabalhar...** trabalhei pouco tempo. **Aí depois que... engravidei saí do trabalho...** e fiquei um bom tempo desempregada. Mas também, **quando eu consegui emprego já foi direto. Entrei no***

*Estado em 2011... e estou até hoje... no funcionalismo público [...] (CECÍLIA, grifo nosso).*

*[...] o trabalho como sempre assim em casa eu sempre tive. Mas eu trabalho assim com umas vendas de cama, mesa e banho, de cosméticos [...] E eu trabalhei [...] como professora de datilografia [...] trabalhei também numa loja de aviamentos... trabalhei um ano e pouquinho e saí. [...] Depois pra casar [...]. Depois trabalhei num supermercado [...] ele [...] faliu [...] Aí depois disso não trabalhei mais [...]. (AMÉLIA, grifo nosso).*

*[...] eu não tenho trabalho nenhum [...] meu trabalho é só cuidar da casa, e desses quatro meninos e do marido... esse é meu emprego atualizado, o mês todo, o ano todo... e até agora, [...]. (IRENE, grifo nosso).*

*[...] Eu já trabalhei no Caçulinha [...] aí eu saí porque eu fazia Biologia integral [...] fiquei dois anos desempregada. [...] Eu trabalhei na veterinária, mas foi porque minha cunhada estava gestante e eu cumpri aviso pra ela [...] Agora eu estou com a bolsa de colaboradora [...]. (IRACEMA, grifo nosso).*

No relato da depoente Irene, quando ela enfatiza [...] *eu não tenho trabalho nenhum [...] meu trabalho é só cuidar da casa, e desses quatro meninos e do marido*”, nota-se que o trabalho doméstico exercido por ela em casa, não traz a significação de um trabalho ou de atividade desempenhada. Segundo Bilac (2014, p. 130) “As práticas diárias reproduziam a sua naturalização como “trabalheira”, como mero “trabalho de mulher”, invisível, sem limites de jornada, executado de forma privada, sem remuneração”.

Além disso, a autora Bilac (2014) ressalta que as mulheres que trabalham de carteira assinada, na sua maioria, acumulam grande parte da sua jornada de trabalho, as atividades domésticas e o cuidado com os filhos. Quando elas não conseguem conciliar a “responsabilidade” da casa e dos filhos, transferem as delegações para outra mulher, que é remunerada para realizar as “tarefas domésticas”.

## 5.2 Resignificação de Vidas como possibilidades de transformação

Para falar sobre Ressignificação de Vidas, foi necessário entender que as histórias relatadas nessa pesquisa são importantes no estudo do cotidiano de grupo, no caso em questão das mulheres concluintes e desligadas dos cursos de qualificações ofertados pelo Programa Mulheres Mil no IFTO. Assim, compreende-se que “os estudos sobre cotidiano tendem a valorizar, como foco de atenção, as ações individuais frente às circunstâncias da vida, sobretudo no plano da intersubjetividade” (GUARINELLO, 2004, p. 21).

Quando se refere na pesquisa por Ressignificação, quer dizer que sejam “... mudança dos símbolos, dos rituais e das ações humanas, introduzindo ou recriando significados numa perspectiva crítica, que mobiliza os indivíduos para a luta a favor da transformação social” (BENINCÁ, 2010, p. 11).

As discussões sobre as histórias de vida, das estudantes, concluintes e desligadas dos cursos de qualificações ofertados pelo Programa Mulheres Mil no IFTO iniciaram no segundo semestre de 2014. Foram realizadas as entrevistas, transcritas e os relatos foram lidos e relidos para que as falas das depoentes fossem as mais fidedignas possíveis.

Nessa premissa, após conhecer as entrevistadas, ouvi-las, saber os motivos que levaram ao IFTO para se matricularem nos cursos, ou de desistirem depois, permitiu construir as discussões sobre “Ressignificação de Vidas: resistências e possibilidades de transformação”.

Os relatos mostraram a importância do Programa Mulheres Mil para as depoentes. Nas narrações delas podem perceber essa afirmação:

*[...] E quando eu vi, [...] o tempo [...] passou. Aí foi justamente há quatro anos pra trás, [...] que veio todo esses problemas. Que eu achava assim, que eu era ... prioridade da vida... **prioridade na vida do meu esposo, [...] Porque até então eu era prioridade.** [...] então quando ele disse que ele viveu vinte anos pra mim. Eu como assim? **Quem viveu vinte anos pra ele fui eu.** Porque sempre eu dizia que eu queria fazer isso, ele dizia “eu não acredito, [...] **Você tem seu futuro garantido, eu sou concursado, não há necessidade, entendeu**”. [...] aí veio o **Programa.** Então eu queria voltar pra escola e não sabia como [...] (TERESA, grifo nosso).*

[...] relacionado ao curso, eu **achei muito interessante à questão do apoio dos colaboradores**, [...] no caso a coordenação, [...] e as professoras em si. [...] **Eu me apaixonei pela área [...] o projeto Mulheres Mil foi minha entrada no IF, no Instituto**. Que começou com ele e eu me apaixonei pela dinâmica educacional do IF e não sai mais... 2012, 2013, e agora até 2018 [...]. (CECÍLIA, grifo nosso).

[...] **importante mesmo foi o aprendizado**, [...] Que a gente aprende aqui... que não tem como não aprender. Porque são muitas pessoas, muitos professores bons ensinando... E a amizade com **todas as mulheres que participaram desse programa também é muito importante** [...] **Foi muito importante pra mim essa aprendizagem aqui nesse Instituto...** [...]. (AMÉLIA, grifo nosso).

[...] **Uma escolha bem... muito aproveitada**. Foi assim só um mês... um mês e um pouquinho de dias. Quando eu comecei... [...] já tinha começado as aulas... [...] seguir assim o mês todinho, só trinta dias mesmo sem matar nenhum dia, quase. [...] descobriu o problema de doença, [...] aí tive que ir pra Goiânia fazer a cirurgia e acabei deixando o curso pra trás... **Isso foi o momento de eu não ter terminado... mas eu aprendi muito** [...]. (IRENE, grifo nosso).

[...] Muito forte. **Porque até então eu não estava tão interessada em fazer esse curso de computação. Pela descoberta que foi me mostrando nesse curso, eu fiquei sentindo mais curiosidade e resolvi fazer um curso nessa universidade** [...]. (IRACEMA, grifo nosso).

Nesse sentido, o retorno ao espaço escolar, o contato com os professores e as colegas de sala de aula, provocou o agir de mudança, individual e coletiva, por expectativas melhores. Retoma-se assim, a concepção de agir do autor Rösen, o qual cita que:

O homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorear-se dele de forma tal que possa realizar as intenções do seu agir. Nessas intenções há igualmente um fator temporal. Nelas o homem vai além, também em perspectiva temporal, do que é o caso para si e para seu mundo; ele vai, por conseguinte, sempre além do que experimenta como mudança temporal, como fluxo ou processo do tempo. (Rösen, 2001, p. 58)

Essas intenções foram ressaltadas por todas as mulheres que participaram da pesquisa. Nas falas estão presentes as esperanças por algo melhor do que tinham antes de entrarem no Instituto.

*[...] eu acredito que dentro do que eu já estudei, eu vou estar fazendo alguma coisa, na área de hotelaria [...]. (TERESA).*

*[...] eu pretendo sair pra ir pra área mesmo. Evento, turismo ou hospedagem. Hotelaria no caso [...]. (CECÍLIA).*

*[...] A vida dá tantas voltas, [...] a gente tem que procurar estar sempre crescendo na vida [...]. (AMÉLIA).*

*[...] Só vontade [...] e a necessidade também [...] Porque quem estuda... tem assim... [...] qualquer oportunidade que surgir pra ele, já tem o curso dele preparado [...] qualquer hora ele tá lá dentro [...] Então... mas antes estudar do que não [...]. (IRENE, grifo nosso).*

*“... Refazer novos cursos, montar uma empresa, eu tenho vontade de montar minha própria empresa pra ajudar na renda familiar [...]” (Iracema, grifo nosso).*

As “Maria Maria” dessa pesquisa reconheceram as mudanças provocadas em suas vidas. Não foi apenas uma qualificação profissional para obtenção de uma certificação. Os cursos representaram sonhos, transformações, conquistas. A consciência histórica enfatizada por Rüsen (2001, p. 57) em que “as operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Em pleno século XXI, ainda encontram-se mulheres que sofreram algum tipo de violência, seja física quanto verbal, com experiências traumáticas. Muitas delas adquiriram cicatrizes que contribuíram no processo de construção social e cultural de cada uma. Nesta consideração, nota-se que princípios humanos como o respeito ao sujeito nas suas diferenças, sem selecionar sexo, gênero, etnia, classe social, precisam ser trabalhados no cotidiano atual.

Nesse estudo, sobre *Mulher e o Mundo do Trabalho*, percebeu-se a existência da carência de estudos significativos sobre a discussão das relações de gênero. Através de grupos e/ou movimentos feministas, as mulheres se uniram, se manifestaram de várias formas, em várias épocas. Os resultados foram ampliação dos direitos, algumas conquistas obtidas, estruturas sociais modificadas, melhores condições de trabalho. Enfim, as mulheres como os homens queriam oportunidades, qualidade de vida, serem pessoas, sujeitos, seres humanos.

Essas percepções foram observadas na leitura de um livro produzido por mulheres, estudantes do Programa Nacional Mulheres Mil, de uma turma de 2012. Um simples livro, mas com um inestimável valor, com impagáveis histórias de vidas, com momentos tristes e felizes, de pessoas que nunca imaginaram ser ouvidas, pois escrever e ser ouvido são ações restritas para poucos nesta sociedade.

O livro intitulado *Mulheres Mil: histórias de transformação*<sup>3</sup> foi elaborado por um grupo de estudantes, da turma de 2012, do curso de Camareira, oferecido pelo *Campus* Palmas. O conteúdo da obra são relatos escritos, que não apresentam o autor, mas traz a história de um sujeito que nasce, cresce, convive e se transforma com as relações e experiências vivenciadas em algum momento na vida. Isto é o que podemos definir por história de vida.

Nos 31 (trinta e um) relatos se observou mulheres com baixa autoestima, sem perspectiva de vida, mas que encontraram uma nova mulher, após a entrada no Programa. Outras com ânsia de conhecimento, com idealização de novos projetos e objetivos pessoais como o simples fato de querer mudar o fluxo de suas vidas.

O Programa teve, como objetivo, oportunizar uma qualificação a mulheres que estivessem ou que pretenderam melhorar sua participação no mercado de trabalho. Não cabe aqui negar, que se trata de um programa para empregabilidade do indivíduo, como observou no relato 4 do livro, em que uma delas mencionou: *Espero que no final do curso, as que estão desempregadas consigam emprego.*

Mas, a aprendizagem com o outro, nas relações pessoais, foram significativa para a ressignificação de vidas. O estudo realizado foi de fundamental relevância na compreensão da mulher que vive e convive com outro, com suas dificuldades, com as condições que a sociedade lhe oferece, ela consegue lutar pela sua transformação, pessoal, familiar e profissional.

Mas, a aprendizagem com o outro, nas relações pessoais, foi significativa para a ressignificação de vidas destas mulheres. Esta pesquisa também contribuiu para o “repensar” de alguns princípios humanos, como o respeito ao sujeito nas suas diferenças, sem selecionar sexo, gênero, etnia, classe social.

A partir dos depoimentos presenciais, com as cinco entrevistadas e os relatos lidos, pode-se constatar a relevância do Programa enquanto um espaço de

---

<sup>3</sup> **Livro Mulheres Mil:** histórias de transformação, organizado pelo Prof. Drayan Macrini Moreira e produzido pelas mulheres estudantes do Programa Mulheres Mil da turma de 2012, do curso de Camareira, oferecido pelo *Campus* Palmas.

oportunizar a troca de experiências. Pelo simples fato delas mencionarem que o Programa Mulheres Mil mudou suas vidas.

Muitos relatos foram de transformação, de enfrentamento de doenças como síndrome do pânico ou depressão pós-parto, muitas colocaram que as experiências na instituição educacional oportunizaram uma nova perspectiva de vida. No relato 11 do livro uma citou: *Depois de tanta palestra de incentivo, eu comecei a me achar de novo, aumentei minha auto-estima e comecei a sonhar novamente [...], devo isso aos meus colegas, professores e a este curso.*

Cabe aqui ressaltar, que as escolhas não são fáceis para a mulher. Ela, quando envolvida com o mundo do trabalho, precisa enfrentar o impasse da “carreira versus maternidade”. Além disso, decidir ou adiar a maternidade. Muitas optam por deixar de trabalhar, ou trabalhar por conta própria para poder cuidar dos filhos. Por isso, dissemos aqui que as escolhas das mulheres, às vezes são dolorosas.

O objetivo dessa pesquisa foi o de compreender de que forma as mulheres, estudantes do Programa Nacional Mulheres Mil, pelo Instituto Federal do Tocantins, ressignificaram suas vidas, a partir das convivências nos espaços sociais e educacionais e como as relações pessoais e coletivas influenciam ou não na conquista ao mundo do trabalho. Ele foi atingido quando oportunizou as mulheres fazerem seus relatos, contando suas trajetórias de vida, suas dificuldades e as vontades da continuação dos estudos, como perspectiva de mudança pessoal.

Como pesquisadora, as entrevistas propiciaram conhecer as mulheres tocantinenses, suas histórias de vida, suas expectativas. Segundo Pineau (2011, p. 32) “As histórias de vida criam espaço social de expressão e de reflexão. [...] É uma democratização do poder da expressão [...]. A história de tanto forma o sujeito quanto este o forma”. A expectativa é de compreender, nos relatos, se as ressignificações de vidas das mulheres foram atingidas.

A relação entre pesquisador e pesquisado foi importante e riquíssimo para ambos. Segundo o autor Fernandes:

As narrativas biográficas só poderão assumir um real valor pedagógico, acadêmico, social ou político, se conseguirmos que elas vão para além dos limites que a descrição dos fenômenos e das experiências formativas naturalmente nos impõem. Isto é, temos de ser capazes de estabelecer relações entre significados que os participantes atribuem às experiências que viveram, o curso social, histórico e cultural dos fenômenos envolvidos e a dimensão universal inerente à nossa condição de seres humanos. Só assim as narrativas biográficas poderão assumir uma perspectiva mais ampla e integrada, contribuindo para melhorar a compreensão acerca de uma diversidade de problemas. (FERNANDES, 2011, p. 151-152):

A proposta desse trabalho foi de repensar as ações e as práticas educativas ocorridas no Instituto com o Programa Mulheres Mil. Perceber como a mulher da atualidade vive e convive com outro, com suas dificuldades, com as condições que a sociedade lhe oferece para que ela seja um ser ativo. E isso é possível com a educação e com o trabalho.

### Segundo Albornoz

Quando a sociedade não nos oferecer condições de conciliar satisfatoriamente o trabalho pessoal com as exigências do amor aos que nos são mais próximos. Exige-se sacrificarmos parte essencial da nossa vida pela felicidade de nosso marido e de nossos filhos, felicidade que transborda sobre nós mesmas. Entretanto, fazer deste sacrifício um ideal é tirar-lhe o próprio valor de sacrifício, e é enganar as consciências. O ideal é que as instituições nos possibilitem conciliar, conforme nossas capacidades individuais, a nossa vida sentimental e doméstica com um trabalho no mundo, além das paredes do lar. (ALBORNOZ, 2008, p. 52)

Portanto, foi um trabalho significativo de aprendizagem sobre as diversas experiências dialogadas. A partir dos relatos das mulheres do Programa Mulheres Mil, pode-se compreender e entender que as convivências nos espaços escolares proporcionam a ressignificação de vidas. Neste ponto, cabe aqui enfatizar que não se trata de uma ressignificação somente de mulheres. Mas de todo ou de qualquer ser humano que seja capaz de se desnudar para uma nova vida, de perceber a

importância do aprender a ser, do aprender a agir, do aprender a conviver com a diferença para a sua transformação pessoal e social.

## REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. **Do público e do privado:** uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 20(1): 95-117, janeiro-abril/2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0104-026X2012000100006&pid=S0104-026X2012000100006&pdf\\_path=ref/v20n1/a06v20n1.pdf](http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0104-026X2012000100006&pid=S0104-026X2012000100006&pdf_path=ref/v20n1/a06v20n1.pdf)>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

ALBORNOZ, Suzana. **As mulheres e a mudança e da diferença.** Porto Alegre: Movimento; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Máquina de fazer machos:** gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças In: M. N. Strey, S. L. Cabeda; D. R. Prehn (Orgs.). MACHADO, et al (orgs). Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org> (p. 23 – 34)

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação:** a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania.** R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.

Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/152/151>>  
Acesso em: 03 de fev. 2015.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **O voto de saias**: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. In: Estudos Avançados 17 (49), p. 133-150, set. 2003. Disponível em: <<http://www.scificircle.com/pt/87588/voto-saias-constituente-1934-participacao-mulheres-politica/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. In: Cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376. Disponível em: <[http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0104-83332006000100014&pid=S0104-83332006000100014&pdf\\_path=cpa/n26/30396.pdf](http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0104-83332006000100014&pid=S0104-83332006000100014&pdf_path=cpa/n26/30396.pdf)>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENINCÁ, Elli. **Educação**: práxis e ressignificação pedagógica. Eldon Henrique Mühl (org). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

BILAC, Elisabete Dória. **Trabalho e família**: Articulações possíveis. Tempo soc. [online]. 2014, vol.26, n.1, pp. 129-145. ISSN 0103-2070. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S0103-20702014000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0103-20702014000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

BOURDIEU, Pierre. (Coord.). **A Miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANDÃO, Ana Maria. **Entre a vida vivida e a vida contada:** a história de vida como material primário de investigação sociológica. Configurações, n.º 3, 2007, pp. 83-106. Disponível em: <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%20a%20Vida%20Vivida%20\(2\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%20a%20Vida%20Vivida%20(2).pdf)> Acesso em: 20 set. 2013.

BORGES, Liana; BRANDÃO, Sérgio Vieira. Fragmentos de esperança. In: BORGES, Liana; BRANDÃO, Sérgio Vieira (orgs). Diálogos com Paulo Freire. Tramandaí: Isis, 2005. (p. 12-25)

BRASIL. **Decreto nº 91.673, de 20 de Setembro de 1985,** cria a Escola Agrotécnica Federal no Município de Araguatins, no Estado de Goiás, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91673-20-setembro-1985-441748-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso: 03 set. de 2013.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.095, de 24 de abril de 2007,** que estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET, no âmbito da Rede Federal de Educação Tecnológica. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6095.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6095.htm)>. Acesso: 22 mar. de 2014.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006,** que institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras

providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/decreto/D5840.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5840.htm)>. Acesso: 22 mar. de 2014.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.892 de 28 de dezembro de 2008**, sobre a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm/](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm/)>. Acesso: 10 ago. de 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.670 de 30 de junho de 1993**, que dispõe sobre a criação de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais e dá outras providências. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8670.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8670.htm)>. Acesso: 03 set. de 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.731, de 16 de novembro de 1993**, que transforma as Escolas Agrotécnicas Federais em autarquias e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8731.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8731.htm)>. Acesso: 03 set. de 2013.

\_\_\_\_\_. MEC. **Portaria Ministerial nº 27, de 21 de janeiro de 2015**, que dispõe sobre a autorização de funcionamento das unidades que integram a estrutura organizacional dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, autorização de funcionamento da unidade do CEFET-MG e atualiza relação de *campus* integrantes da estrutura organizacional dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=22/01/2015&jornal=1&pagina=8&totalArquivos=112>>. Acesso: 22 mar. de 2014.

\_\_\_\_\_. MEC. **Portaria nº 04, de 06 de janeiro de 2009**, que estabelece a relação dos campi que passarão a compor cada um dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=130&data=07/01/2009>><<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=131&data=07/01/2009>>. Acesso: 22 mar. de 2014.

\_\_\_\_\_. MEC. **Portaria nº 1.015 de 21 de Julho de 2011**, que institui o Programa Nacional Mulheres Mil. DOU nº 140, Seção 1, página 38, sexta-feira, 22 de julho de 2011. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=38&data=22/07/2011>>. Acesso em: 22 mar. de 2014.

\_\_\_\_\_. MEC. **Portaria nº 330, de 24 de abril de 2013**, que dispõe sobre a autorização de funcionamento dos campi que integram a estrutura organizacional dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=14&data=24/04/2013>>. Acesso: 22 mar. de 2014.

\_\_\_\_\_. MEC. **Portaria nº 505, de 11 de junho de 2014**, que altera a Portaria nº 330, de 24 de abril de 2013, do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=16&data=11/06/2014>><<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=11/06/2014&jornal=1&pagina=17&totalArquivos=88>><<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=11/06/2014&jornal=1&pagina=18&totalArquivos=88>>. Acesso: 22 mar. de 2014.

\_\_\_\_\_. MEC. SETEC. **Institutos Federais: Concepções e Diretrizes**. 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12503&Itemid=841](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12503&Itemid=841)>. Acesso em: 22 mar. 2014.

BRUSCHINI, Cristina. **Gênero e Trabalho**: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da (org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. 34ª ed. Campinas – SP: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG, 2000. (p. 13 – 58)

BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes:** o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. In: Cadernos Pagu (11), pp.11-42, 1998. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/pt-br/trajetorias-genero-masculinidades-1998-11>>. Acesso em: 03 de fev. 2015

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDAU, Joël, **Memória e identidade.** Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

DEL PRIORE, M. (org.). **Apresentação.** In: História das mulheres no Brasil, 8ª ed. São Paulo: Contexto/Unesp, 2006. p. 7-10.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte, s/n, 2006, p. 15-16.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Os desafios da pesquisa biográfica em educação.** In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org). Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011. (p. 25-40)

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** In: Estudos Avançados 17 (49), p. 151-172, set. 2003. Disponível em: <<http://www.scientificcircle.com/pt/journal/163/estud-av/2003/12/17/49/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Trad. de Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro Editora, 2002.

FERNANDES, Domingos. **Narrativas biográficas na formação inicial de professores de matemática:** reflexões a partir de um olhar retrospectivo. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org). *Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente.* Salvador: EDUFBA, 2011. (p. 115-159)

FERREIRA, Mareita de Moraes *et al.* (orgs.). **História Oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GOLDBERG, Anette. **Feminismo no Brasil Contemporâneo:** o percurso intelectual de um ideário político. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, Rio de Janeiro, n. 28, pp. 42-70, 2º semestre de 1989. Disponível em: [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=107&Itemid=435](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=107&Itemid=435)> Acesso em: 03 de fev. 2015.

GOSS, Karine Pereira. **Trajetórias militantes: análise de entrevistas narrativas com professores e integrantes do movimento.** In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs). *Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação: teoria e prática.* Petrópolis – RJ: Vozes, 2010. (p. 223-238)

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História científica, história contemporânea e história cotidiana.** In: *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 24, nº 48, p.13-38 – 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em 08 abril. 2015.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS. Reitoria. **Portaria nº 195, de 19 de agosto de 2009**, que aprova o Estatuto do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins. Disponível em:  
<[http://www.ifto.edu.br/ifto\\_cms/docs/arquivos/060520131602Estatutopublicadonodiariooficial01.pdf](http://www.ifto.edu.br/ifto_cms/docs/arquivos/060520131602Estatutopublicadonodiariooficial01.pdf)>;  
<[http://www.ifto.edu.br/ifto\\_cms/docs/arquivos/060520131612Estatutopublicadonodiariooficial.02.pdf](http://www.ifto.edu.br/ifto_cms/docs/arquivos/060520131612Estatutopublicadonodiariooficial.02.pdf)>;  
<[http://www.ifto.edu.br/ifto\\_cms/docs/arquivos/060520131614Estatutopublicadonodiariooficial.03.pdf](http://www.ifto.edu.br/ifto_cms/docs/arquivos/060520131614Estatutopublicadonodiariooficial.03.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2014.

KRÜGER, Heinz-Hermann. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação na Alemanha**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs). Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação: teoria e prática. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010. (p. 39-66)

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão... [et. al.] 4ª ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1996.

**Lei Municipal nº 1.757, de 05 de junho de 2008**, que dispõe sobre desafetação e permuta dos bens públicos que identifica, dando outras providências. Disponível em:  
<[http://sapl.gurupi.to.leg.br/sapl\\_documentos/norma\\_juridica/151\\_texto\\_integral](http://sapl.gurupi.to.leg.br/sapl_documentos/norma_juridica/151_texto_integral)>. Acesso em: 22 mar. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003. (p. 41-52)

MACEDO, Márcia dos Santos. Mulheres chefes de família e a perspectiva de Gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. In: CADERNO CRH, Salvador, v. 21, n. 53, p. 389-404, Maio/Ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n53/a13v21n53.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2015.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. (p. 126-147).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação**: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003. (p.9-27).

MONTENEGRO, Antônio Torres. **Historia Oral e Memória**: cultura popular revisitada. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Feminismo e política**: dos anos 60 aos nossos dias. In: Estud. sociol., Araraquara, v.17, n.32, p.107-121, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/4930/4119>> Acesso em: 03 de fev. 2015.

OLIVEIRA, NHD. **Recomeçar**: família, filhos e desafios [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p. ISBN 978-85-7983-036-5. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>> Acesso em: 03 de fev. 2015.

PEDRO, Joana Maria. **Corpo, prazer e trabalho**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. (p. 238-259).

\_\_\_\_\_. **Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)**. In: Revista Brasileira de História, vol. 26, nº 52, p. 249-272, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n52/a11v2652.pdf>> Acesso em: 03 de fev. 2015.

PINEAU, Gaston. **Histórias de vida e alternância**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org). Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011. (p. 25-40)

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012 (p. 9-15).

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Editora Universidade de Brasília: Brasília - DF, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da consciência histórica**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Editora Universidade de Brasília: Brasília - DF, 2001.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970:** revisitando uma trajetória. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 35-50, maio-agosto/2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0104-026X2004000200003&pid=S0104-026X2004000200003&pdf\\_path=ref/v12n2/23959.pdf](http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0104-026X2004000200003&pid=S0104-026X2004000200003&pdf_path=ref/v12n2/23959.pdf)> Acesso em: 03 de fev. 2015.

\_\_\_\_\_. A família como ordem simbólica. In: Psicologia USP, 2004, 15(3), 11-28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf>>. Acesso em: 02 de maio. 2015.

SCHIENBIENGER, Londa. O feminismo mudou a ciência? Tradução de Raul Fiker. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCHÜTZE, Fritz. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa.** In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs). Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação: teoria e prática. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010. (p. 210-238)

SCOTT, Ana Silvia. **O Caleidoscópio dos arrojados familiares.** In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012 (p. 15 -42).

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1995. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso 22 mar. 2014.

SILVA, Caetana Juracy Resende (org.). **Institutos Federais lei 11.892, de 29/11/2008**: comentários e reflexões. Natal: IFRN, 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12503&Itemid=841](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12503&Itemid=841)>. Acesso em: 22 mar. 2014.

SOIHET, Rachel. **Mulheres moldando esteticamente suas existências**: feminismo como alavanca para uma sociedade mais justa. In: Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 29-60, Dez. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/15006/11200>> Acesso em: 03 de fev. 2015.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. **Mulheres em movimento**: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970 a 1980. 2 ed. São Luís/MA: EDUFMA, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação – CE/UFSM  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Mestrado em Educação

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Janaína Miranda Muradás Amorim, Pedagoga e Mestranda em Educação, orientada pelo Prof. Dr. Jorge Luiz Cunha, desejo por meio deste, convidá-la a participar de uma pesquisa intitulada: “**Mulher e o Mundo do Trabalho**: Histórias de vida de estudantes no Programa Nacional Mulheres Mil – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO”.

Esta pesquisa objetiva “Compreender as mulheres, estudantes do Programa Nacional Mulheres Mil, ressignificam suas histórias de vida, a partir das narrativas e da convivência nos espaços educacionais e/ou da conquista ao mundo do trabalho.

Para isso, será realizada uma entrevista, composta por um roteiro.

O estudo oferece um risco mínimo, você pode sentir algum desconforto ou intimidado (a), durante a entrevista. Caso aconteça, fica assegurado o seu direito de desistir sem qualquer prejuízo. A sua participação neste estudo não terá nenhum benefício pessoal direto, contudo, estarás contribuindo para ampliação de conhecimentos sobre tema.

Os dados coletados ficarão em completo sigilo, na sala 1204, no prédio 67, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) por um período de cinco anos sob a responsabilidade do Prof. Dr. Jorge Luiz Cunha. Após este período, os dados serão destruídos. Você tem direito de tirar suas dúvidas a qualquer momento sobre o andamento da pesquisa tendo a garantia de que todas as suas perguntas serão respondidas.

Garante-se o compromisso da pesquisadora que os dados serão utilizados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no presente projeto de forma anônima.

Qualquer dúvida ou questionamento que os participantes venham a ter no momento da pesquisa, ou posteriormente, poderão esclarecer através dos seguintes contatos:

Eu, \_\_\_\_\_,  
ciente do que foi exposto, acredito ter sido informado de maneira satisfatória à respeito da pesquisa, tendo ficado claro os propósitos do estudo, assim como os procedimentos, seus riscos e benefícios, a garantia de confidencialidade e esclarecimentos.

Concordo em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem acarretar qualquer dano e/ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Sim  Não

Em caso positivo: Concordo com a utilização das minhas falas, sem identificação do meu nome, apenas com nome fictício em publicações associadas.

Sim  Não

Declaro que recebi cópia do termo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido\*.

Palmas, TO, XX de XXXX de 2014.

---

Assinatura do entrevistado (colaborador da pesquisa)

---

\* Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009

## APÉNDICES

## APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

Universidade Federal de Santa Maria  
 Centro de Educação – CE/UFSM  
 Programa de Pós-Graduação em Educação  
 Mestrado em Educação

### HISTÓRIA DE VIDA

<p>I – Dados do Projeto</p> <p>Nome:</p> <p>Pesquisador:</p> <p>Orientador:</p> <p>Instituição:</p>
<p>II – Identificação do Depoente</p> <p>Nome:</p> <p>Endereço:</p> <p>Gênero:</p> <p>Formação escolar:</p>
<p>III – Dados do Contato</p> <p>Indicação:</p> <p>Data do contato:</p> <p>Forma do contato:</p> <p>Data da entrevista:</p> <p>Local da entrevista:</p> <p>Entrevistador:</p>

**Idade**       Até 40 anos       41 a 59 anos       >= 60 anos

**Escolaridade:**       Ensino Fundamental incompleto       Ensino Médio incompleto       Ensino Superior

Ensino Fundamental completo       Ensino Médio completo

**a) Vida pessoal**

Descrever situações e atitudes frente a: vida familiar e conjugal (casamento ou ligações estáveis, separações, nascimento dos filhos, abortos, relacionamento com o cônjuge e sua família, relacionamento com os filhos); situação socioeconômica (condições de moradia, dificuldades financeiras); relacionamentos (convivência social, amigos, lazer); planos e projetos futuros.

Perguntas sugeridas:

- Você já teve um relacionamento duradouro ou estável (manteve um relacionamento emocional mais estável)?
- Como é (foi) esse relacionamento (relacionamento emocional mais estável)?
- Você teve filhos? Como se relaciona com eles?
- Já perdeu alguém importante para você?
- Você tem amigos ou amigas? Alguns deles podem ser considerados íntimos, a ponto de você recorrer a eles no caso de ter algum problema?
- Você mora em casa própria?
- Você teve/tem alguma dificuldade financeira?
- O que você faz no seu tempo livre?
- O que você acha (imagina) que estará fazendo daqui a cinco anos?
- O que você gostaria de estar fazendo?

**b) Vida escolar**

Descrever:- Comportamento social da família com a escola; padrão de relacionamento individual e social; conhecimentos adquiridos na instituição escolar.

Perguntas sugeridas:

- Você gostava de ir à escola? E hoje como é o sentimento?
- Você tinha muitos amigos ou ficava mais sozinho? E hoje como é essa relação com os colegas de sala?

- Você teve dificuldades para aprender? E como é hoje no curso?

**c) Vida profissional**

Narre sua trajetória profissional identificando posições ocupadas, datas, empresas e os fatos mais relevantes.

Perguntas sugeridas:

- O que você fez depois de terminar (ou deixar) os estudos? Permaneceu muito tempo nessa atividade?
- Quais outros trabalhos você realizou?
- Você gostava do trabalho (dos trabalhos)?
- Como você se relacionava com seus chefes e colegas?
- Quais suas expectativas de trabalho e para o seu futuro considerando que conclua o curso atual?

## APÊNDICE B – Transcrições das Entrevistas

Universidade Federal de Santa Maria  
 Centro de Educação – CE/UFSM  
 Programa de Pós-Graduação em Educação  
 Mestrado em Educação

### ENTREVISTA COM LF1<sup>4</sup>

Perguntas	Respostas
<p><i>Hoje 20 de outubro de 2014 estamos aqui com a LF1... Participando, colaborando com a nossa pesquisa, sobre o projeto, é, História de Vida das Mulheres do Programa Mulheres Mil, do Instituto Federal do Tocantins. LF1, nós vamos trabalhar o roteiro de entrevista, sobre sua vida pessoal, sua vida escolar, sua vida profissional. Então, e mais que você fica tranquila para responder as perguntas, não fale baixo. Tá. E o que vamos saber da sua vida pessoal, se você já teve um relacionamento duradouro ou estável?</i></p>	<p><i>Hum... Tive?</i></p>
<p><i>O que você tem</i></p>	<p><i>Tenho... né... Casada a vinte um anos... Do meu primeiro relacionamento tenho uma filha de vinte dois anos... Pois é ... tenho um casamento estável</i></p>
<p><i>A questão de você, já nesse processo, desses vinte um anos, você já perdeu alguém, algum um filho, ou não, foi... Foi tudo tranquilo, teve uma vida estável, teve um filho, ou não teve uma outra gravidez?</i></p>	<p><i>Não tive nenhuma outra gravidez.</i></p>

<sup>4</sup> LF1 – Locutor Feminino 1 (Teresa)

<p>Com relação a amizade, você, teve muitos amigos, poucos amigos? Enfim.</p>	<p>Eu acho que... normal... né, eu tenho facilidade pra me relacionar... tipo... tipo... Não, não digo todos. É, eu tive, tive facilidade quando entrei no curso, mas em alguns momentos eu fico assim, meio introspectiva, né. Primeiro eu sento no meu canto... Meio que fico, sabe... Quando eu não consigo realmente me identificar... É quando realmente me encontro com amigo. Meio assim. Mas eu primeiro fico, né me observando, se, é, se não é, quem é... A princípio me acho meio, realmente introspectiva, né. Mas, mas dependendo du, da, do ambiente, das pessoas, né, a facilidade que tenho em fazer amigos, não é difícil não, em geral é uma relação aberta.</p>
<p>Com relação à moradia, você hoje mora em uma residência própria ou uma residência alugada?</p>	<p>É um programa do... É hoje não é mais um PAR. Hoje é minha casa minha vida, mas, mas no início... mas a... a...a... é tipo um arrendamento. Do governo Federal, né. Então, então da Caixa Econômica Federal junto com o Governo Federal. Na época denominava PAR, e hoje programa de arrendamento... Programa de Arrendamento. Hoje é, é, com dados econômicos, minha casa minha vida. Mas, é, num, mas é uma coisa que a gente tá pagando já nossa, né. Arrendamento é..., tem um retorno, a gente já tá, na, naquela fase de, de, de finalizado, de quitação, então daqui dois anos a gente já tá quitando, numa conta bem... é... de três, dois mil reais a gente... Então é... Eu já tenho a minha casa própria, né.</p>
<p>E tem... Qual o período que você adquiriu esse arrendamento?</p>	<p>É... São quinze anos. A gente já tá nu... praticamente treze anos, doze, treze anos. Então daqui dois anos a gente já tá... né, tem o direito de compra venda, né.</p>
<p>E nesse período que você teve com seu marido... Vinte um anos, vocês passaram por alguns momentos difíceis... de situação financeira... emocional...?</p>	<p>Sempre teve né [risos]. Difícil não ter, financeira, emocional, problemas, problemas sexuais, de relacionamento familiar, né. Segundo casamento dele. Mas... do primeiro casamento têm mais três filhos. E... filhos com problemas, de dependência química, tipo a mais velha dele. Então, né... nesses</p>

últimos três, quatro anos prá cá, acho que foi o período, período mais crítico, da nossa relação, né. Foi o período que a gente abraçou assim, os problemas mais êxitos. Não é êxito. Eu acho que nos anos anteriores, a gente não desenvolveu tanto, né... até porque não havia muita necessidade. Mas, nesses últimos quatro anos, prá cá... é... já foi problema bem mais sério. A filha dele chegou a entrar numa droga mais forte, né... foi perdendo aquela capacidade di... di... di... aquela capacidade psicológica, né, di... Ai veio envolvimento com o filho, envolvimento com netos, até então, aí obviamente, teve momentos de dificuldade. Eu tive muita dificuldade, porque a questão é que... ela é filha, né. Então ela tem o pai, tem a mãe e tem outro irmão. E eu... eu me considero assim que eu sou a esposa do pai dela, do pai, do responsável, né. Então, a... a... questão é que ela teve que acatar toda a situação, no meu caso sempre houve resistência. Não... não... não, é, neguei realmente, nu momento que tinha que assumir, que ajudar, não tinha como correr, tinha que fazer, e terminei, colocando dentro de casa, realmente foi uma critério muito, muito... Foi aí, onde eu parei, sabe... estado de eloquência [risos]. Eu saio ou eu enlouqueço né. Eu digo assim, realmente esse período do meu casamento ficou, né, na corda bamba... Mas estou aguentando. Então, foi assim, teve... houve algumas escolhas. É porque ele é pai, né... Eu acho que... na verdade minha enteada sempre teve as nossas diferenças, é... na questão da... eu era adolescente meu pai se separou, é... e a outra sempre será a outra, mesmo não sendo só o foco, o motivo da separação. Num teve essa coisa que meu pai se separou por causa de A ou de B. A separação era certa... Mas foi uma época... Ela era adolescente, ela tinha... Tinha problema comigo. Mas morou uma época comigo, é a coisa foi mais ou menos... Mas o maior problema pessoal é... de

	<p><i>interferência na minha vida foi... Hoje não dou porque que ela não saiu das drogas. Mas a gente compreendeu que muita coisa, e até ela também, né... que dado de permanência, dado de quimioterapia. Então hoje, ela conseguiu entender realmente que... tem dado ajuda dela precisava... mas... Todos estão dando apoio, e ela... e... ela não concorda... ela quer uma... não grato sempre... a gente faz de tudo pra ajudar... mas não escuta. O quê que a gente faz? ichi...</i></p>
<p><i>É... você já comentou comigo que tu está fazendo estágio, né... E então queria que você contasse o que você está fazendo agora, nesse período teu, que considera livre, mas o que você tá fazendo nesse momento seu, agora você está estudando tanto, mas está fazendo outras atividades?</i></p>	<p><i>Então, nesse momento eu... eu me foquei no estágio, tá... É porque essa situação anterior, ela diz que... uma... uma meta... um meio... que a gente está ficando veia... né... e... pra sair... pra rua, pra realmente trabalhar no momento ... tá meio que... sabe... porque é a questão de relacionamento, né... do casamento, toda uma questão que... que você realmente tem, né... que... repor um pouco. E... mas, eu tô concluindo o estágio e a minha intensão é de continuar. Não sei se vou fazer turismo... [risos] superior de turismo... mas eu não tenho... a minha ideia é de continuidade... sabe... de estudos... no final... hoje... tô tentando conciliar essa situação.</i></p>
<p><i>Agora a gente vai imaginar né... O que você imagina fazer daqui a cinco anos?</i></p>	<p><i>E... [risos] daqui há cinco anos? Eu imagino que realmente terminando um curso superior. É... Eu sempre gostei de uma... dessa área de hotelaria. Eu sempre trabalhei nessa área. Eu sempre trabalhei antes. Eu parei a vinte anos passados, né... Eu trabalhei... Eu comecei, como primeiro emprego, telefonista de hotel, é... depois como realmente tentei... eu sempre gostei... tipo assim, dessa área de hotelaria... Eu me imagino terminando um superior e... fazendo... eu tô cansada... tô querendo alguma coisa nessa área de hotelaria. Que eu num sei... eu gosto mesmo dessa parte coordenar... né... di... di eu gosto muito, tipo, eu gosto. Já trabalhei na área de serviços gerais... Mas que numa governança de hotel de sorte [risos]. Imagino minha vida assim...</i></p>

	<p><i>acho que no meu cinquenta e seis, cinquenta e cinco anos... né... trabalhando num hotel... indo assim, contando que realmente acompanhe numa governança de um hotel de categoria... Eu me imagino assim administrando alguma coisa... nessa relação... eu acho [risos].</i></p>
<p><i>Hoje você gostaria de fazer algo que você não está fazendo? Ou você está feliz com que está fazendo?</i></p>	<p><i>Não estou feliz... realmente é... eu não me sinto realizada profissionalmente. Eu não me profissionalizei, né. Eu não fiz alguma coisa..., que gosto muito. Trabalhei com várias coisas, atendendo, mas eu nunca me profissionalizei. Não me foquei em algo que eu, eu sinta assim, que é meu, né... teu, o quê... resta saber... Contudo eu, eu sinto uma necessidade..., muito concreta. E não tenho ainda. Tô meio assim que, sinto assim meio... que o zôtro diz: não... siga que assim... que esse curso é muito bom... né... dá pra trabalhar na recepção?... dá pra trabalhar de camareira? dá... e como dá [risos] e foi o que mais aprendi [risos]. Mas é raro... trabalhar de como camareira... só uma prática do dia a dia, pra gente fazer, poder fazer... serviço de camareira... e seria difícil, né. Então, se fosse pra eu responder se eu trabalharia hoje, até porque o meu físico, a minha capacidade física, eu acho que não, não dou conta. Sabe... Pegar aquela rotina ali... no dia a dia... Porque hoje, hoje você tem hotel... tem ah... quantos leitos?, quantos ocupados... ah tem cinco ocupados. Vai chegar um dia que só tem cinco, tem dezenove. Entendeu? Não dou conta [risos]. Então, deixo pras meninas de vinte, de trinta, quarenta, eu com quarenta anos. Não adianta a gente falar, chegar com qualquer... realmente qualquer profissional... Enfim, se for pra governança com certeza [risos]</i></p>
<p><i>Agora da sua vida escolar, você... você gostava, por exemplo, do momento do Instituto, né, quando você entrou Programa Mulheres Mil, qual era seu sentimento, os motivos pelos quais você entrou né... você</i></p>	<p><i>É... voltando a primeira entrevista, né... a primeira fala, foi essa necessidade... O que aconteceu o seguinte... é... quando vim pra Palmas... que voltava a trabalhar, porque quase tô em Palmas há dezesseis anos, e.. eu tava um ano parada em</i></p>

<p>escolheu aquele curso, que você foi movida, qual sentimento?</p>	<p>Sergipe, em Recife não, no meu estado que eu morava, que era Cagicó [confunso, sem compreensão]. Então minha filha tinha... de vezes em quando ela tava um período doente, aí meu deu o luxo, de fiquei com tempo, cuidando dela. Aí surgiu a oportunidade de vim embora pra cá. Quando cheguei aqui, eu tive algumas de dificuldade, pra voltar pro mercado. Até porque não me reciclei, né, parei num tempo. Eu me feixe, num calum... E aí minha filha foi crescendo, crescendo, entrando na adolescência. Aí nesse tempo meu esposo, depois de três anos, ele se concursou. Então ele já deu... deu uma estabilidade melhor pra gente. Daí eu fui ficando [risos]. Depois minha filha foi entrando na adolescência, e ela... é um período que eu acho que os pais tem que tá... ela meu deu um pouco de trabalho. E quando eu vi, pá, o tempo pá... passou. Aí foi justamente há quatro anos pra trás, né que veio todo esses problemas. Que eu achava assim, que eu era ... prioridade da vida... prioridade na vida do meu esposo, né. Porque até então eu era prioridade. Aí quando surgiu, outras prioridades, que é filha, e os netos. Que ele pudesse abraçar, que não foi um pai presente. Mas hoje ele não sente mais, pelo fato de ser um pai presente. Até porque ele está sempre com os netos, sabe, tá perto de regressão, de ir junto com ela, sabe, onde errou, onde né, apertar, então hoje teve todo esse processo. Então eu, eu, era alí LF1, a esposa, a mãe, né, i, i... pra mim aquilo tá certo. Eu achava que tava bom, né. Mas até que um dia estourou assim. Eu eu vi que... se a filha dissesse assim: “pra eu sair, eu não fico”. Nossa foi bem... “voltaria pra minha mãe, pra minha casa, a minha família”. Então pra filha, né renovar, ele chegou pra falar pra mim, que ele ficaria, que ele ficaria capaz de até, di... di deixasse eu e minha filha continuasse, porque naquele... terminou-se porque eu vivi vinte anos pra</p>
---	---

você e pra nossa filha. Então hoje tá tudo ao cortado, da minha filha tem vinte sete anos. Hoje eu tô sentindo que eu tenho que viver. Se eu viver mais vinte anos, eu vou viver pra ela, pra eu... Então isso, foi uma queda muita séria [risos]. Como assim, né [risos]. Então são coisa que tá aí, tá aí, e de repente estoura. E entre, entre outras coisas... Mas eu... né... eu me sentia assim, sabe, então quando ele disse que ele viveu vinte anos pra mim. Eu como assim? Quem viveu vinte anos pra ele fui eu. Porque sempre eu dizia que eu queria fazer isso, ele dizia "eu não acredito, né... Você tem seu futuro garantido, eu sou concursado, não há necessidade, entendeu". Então pra ele tava bom, chegasse, ter a janta, o almoço, tá roupa alí, né, tá eu descansada, entre aspas, pra ele tá bom... De repente, assim não era isso. Aí foi quando eu senti a necessidade de voltar pro mundo real... sabe... Aí foi quando surgiu... Aí tinha uma vizinha que morava aqui na frente era a [...], do Instituto, [...], aí veio o Programa. Então eu queria voltar pra escola e não sabia como. O quê... degrar, entendeu?... Tinha tanto tempo eu tinha firmado, alguma coisa que eu estudei. Eu sempre fui... eu sempre gostei de ler, sabe... Assim, alguma coisa eu sempre gostei de ler. Não um rato de biblioteca, mas eu sempre gostei de fazer alguma coisa. E foi quando ela falou desse programa, né... que seria um leque, né... LF1 vai lá, pra, pra mulheres de tal região, vai ser no meio do ano. Você vai lá e conversa e... no sorteio quem sabe você entra. Aí começou... sabe... voltei realmente pra... fazer esse curso. E foi muito bom. Nossa, eu me senti assim... Eu tava passando por uns problemas psicológicos, assim... eu achava que ia ficar depressiva. Esse curso foi, realmente, realmente, foi bem de nível elevado. Gente... de várias naturezas, de raças, pessoas com dificuldades, eu achava que era sou eu [risos]. Pessoas levando crianças pra sala de aula.

	<p><i>Pessoas que passando o dia todo trabalhando... e... cansadas ali, tava ali. E foi... foi o fio, do início da, da minha volta... né... Eu sempre tive computador em... eu sempre tive de sete anos, oito, nove anos pra cá, eu tinha computador em casa. Mas eu nunca me interessei, porque eu achava que informática não ia servir prá mim, não ia precisar. Então no máximo que eu mexia era com a... escutava música, né... não tinha e-mail, não tinha nada... Então quando eu voltei realmente, aí depois disso comecei a fazer aqueles cursos do pronatec, né de comida, de informática básica, aí eu comecei a me interessar... então começou a mexer no calo do marido [risos]. Disse [risos] “essa mulher tá querendo se relacionar também [risos]. Deixa eu repensar melhor... realmente... [risos]” Porque eu acho que ele repensou melhor na situação. /“Essa mulher está querendo...”/[risos]. Foi esse programa que realmente me levou, né... Aí a Professora na época comentou, “nossa tem Hospedagem dê continuidade”, e aí eu... terminou o curso... eu acho que passei um tempo em casa, pensando... organizar as coisas, aí fiz a prova, fiquei no curso... mais ainda não concluí, mas geralmente não há tempo para [risos].</i></p>
<p><i>E nesse período que você participou do curso, do Programa de camareira, você disse que você... naquele momento você viu várias outras mulheres também, com vários outros problemas, nesse... você conseguiu naquela turma, fazer amigos? Pessoas que tem afinidades?</i></p>	<p><i>Consegui... hurum. A LF2<sup>5</sup> é a prova disso, a gente é amiga até hoje [risos] na verdade no curso, a gente é tinha mais né... uma prova de consulta. Mas quando eu sentia uma dificuldade, alguma coisa, eu dizia: “Poxa não tem prova? Como assim, precisa ter prova”. Prova é a presença e a... tem o sorteio aqui, a gente vai fazer dinâmica na sala, a gente vai é... i... eu posso falar camareira, mas é, uma... é um incompleto, né... é.. é um curso, que se você não parar para aprender como envelopar uma cama, que</i></p>

<sup>5</sup> Locutor Feminino 2 (Cecília)

	<p>é um saíote, que é... como se limpa, que é... é... é mais além. Que é... é... que... que... na verdade pra quem ficou parada tanto tempo, ah isso existi?... [risos]. Nossa, na minha época, é quando eu estudei isso, isso é novo? Entendeu? Nossa que legal Então você vê, não é... o povo do Tocantins, gente é maravilha Né... repete porque mora no estado. Hoje mesmo, se o cara me perguntar muito sobre o meu Estado Sergipe, eu não vou saber responder muito. Porque eu acho que eu nunca diferenciei muito. Eu sou de um estado pequenininho, eu sei responder alguma coisa. Mas um estado tão pequeno, mas tem uma riqueza, né... cultural, é... e essas coisas que a gente interessa é... interessa muito, que é muito importante. Então realmente aconteceu a... a... né... tipo, eu tinha ido pro Jalapão, umas quatro vezes. Você vai, visita o povo, não interessa muito. A cultura, né... aquilo ali, como surgiu, porque existe. Quando a gente começou a... a... esse curso, né... a gente... eu comecei isso... nossa eu estive aqui, isso é assim, essa cultura é assim, isso surgiu assim... Então todo um... é... aquilo vai despertando pra que você se interesse, que você busque, que você pesquise, né. Uma coisa é você instalar num lugar, outra coisa é você saber o que aquele lugar significa, né. Isso foi interessante. Foi assim uma sorte, sabe... Tudo é conhecimento... Conhecimento gente, isso ninguém tira da gente. Você tem que buscar, é bom pra você, você sente bem. Você chega num meio de pessoas, que estão conversando, você do que é que estão falando. Mesmo que você não fale muito, mas você tá entendendo do que elas estão falando, né... Isto é muito inovador. Agora sou rato de biblioteca [risos].</p>
<p>Você falou assim, que... teve algumas dificuldades quando você iniciou o curso, sempre contou com a ajuda de alguns amigos, né... Então que o curso não foi fácil, né...</p>	<p>Não foi fácil, né. Então, redação, tinha redação de texto. Nossa tem tanto tempo, minha mente não acompanha mais. E não é, né. Ela tá lá porque precisa. Até você reativar, reativar, reativar...</p>

	<i>praticar, até que... ichi... Terminou o objetivo, que é aprender, ichi...</i>
<i>Então você já falou da sua vida pessoal, você já colocou que andou... qual foi o programa que você já concluiu, agora você está fazendo outro curso, né... que é Hospedagem. Falta concluir o curso Hospedagem, né. Agora vamos à parte profissional. Quando você terminou, na época que eu entendi você não trabalhava né...?</i>	<i>Não, estava vinte anos sem trabalhar.</i>
<i>Vinte anos sem trabalhar. Hoje você falou pra mim, que estava fazendo estágio. Então a única atividade que você teve esse período agora, só o estágio ou você está trabalhando?</i>	<i>Não. Só o estágio. Eu comecei a estudar, eu não voltei ao mercado de trabalho. Até porque, eu... tô conversando com o pessoal, né... pra inclusão... tá no meu currículo. Então existe algumas coisas que a gente tá encaixando, tentando resolver, pra... mas... a minha intenção é realmente fazer parte do mercado de trabalho.</i>
<i>Antes naquele período, que você estava em Sergipe ainda, né, quais suas atividades profissionais na época?</i>	<i>Então, quando eu voltei, quando eu comecei a trabalhar de fato... no mercado, minha atividade foi bem mais focada com telefonista. Né... eu fui telefonista de... dos hotéis e telefonista de uma empresa. E depois, aí veio o casamento. Né, a minha filha ela teve problema de saúde por um tempo, pequena, aí eu dei um tempo. Depois eu voltei. Né, meu último emprego foi no shopping, de encarregada de serviços gerais, na parte de coordenar.</i>
<i>Nesse período você estava ainda...</i>	<i>Ainda em Sergipe. Aqui em Palmas eu não trabalhei. Surgiu algumas dificuldades, numa época, eu fui busca uma coisa, mas eu só achava muito na área de vendas. Eu já tentei trabalhar com vendas e eu só um caus. [risos]. Sempre me dou mal. Não sei assim cobrar, sabe [risos]. E... aí o meu esposo comentava, "não mexe com vendas, porque vendas... não... você já mexeu com vendas...". Foi uma época que eu trabalhei com a natura e manchai. Não sei você já ouviu falar, né. É um produto caríssimo. Você trabalha com gente... também... E trabalha com</i>

	<p>cheque... nossa foi meu fim [risos]. Pegar o cheque inteiro... e... foi uma loucura [risos]. E ele disse não dá você trabalhar com vendas. Aí eu... realmente... depois que estou em Palmas, eu não trabalhei, não fui pro mercado de trabalho.</p>
<p><i>Certo. Eu não vou te perguntar se você gostaria de trabalhar, porque você já falou no início, na sua vida pessoal, sua vontade, o que você realmente gostaria de trabalhar. Então, eu não vou te perguntar.</i></p>	<p><i>Mesmo, no ano de 2015 a 2016, eu assim, eu acredito que dentro do que eu já estudei, eu vou estar fazendo alguma coisa, na área de hotelaria. Tirando, é... serviço de camareira... Né... eu gosto muito, gosto, adoro arrumar a cama, adoro toda aquela técnica, tudo. Só que meu físico, não me obedece mais... Por mais que você tem uma técnica pra trabalhar, que fracasso de moda, que você não danifica bainha. Mas... como falei pra você. Chega uma época que... tem cinco limpezas... Hoje em dia, conseguir seguir sem dor, até encher, atende todo mundo. Tem que ser nova... [risos] Acho que vou deixar por último [risos].</i></p>
<p><i>Então pra gente terminar, é... Quais são as suas expectativas agora? Terminar o curso de Hospedagem, que você espera agora para o seu futuro?</i></p>	<p><i>É... eu gosto de trabalhar com público... Eu acho que tenho uma facilidade de... de... público. Eu quero realmente tentar me focar na área de hotelaria... como eu falei pra você. Na recepção, na... na... esqueci na área, pode ser na copa, ser dentro do hotel, na área de governança. De... de... não sei. Telefonista hoje não existe mais... né... não existe mais... e... e... foi abolida faz tempo, telefonista ainda... Mas, telefonista não quero mais não. Mas eu me vejo nessa área de hotelaria... Eu não me vejo... Bem nessa área de humanas, tá. Exatas com certeza não é meu foco. Então fazendo alguma coisa, né... envolvida com gente, que eu acho que sabem ... Ochi... No Casa Grande eles ficam... LF1 por que você não fica com a gente. Não gente, F é chefe aqui, faz o mesmo serviço que vocês. Ela não é só chefia, ela não só coordena, né... ela faz o mesmo serviço, ela trabalha dobrado [risos]. Eu não dou conta. Porque realmente ali não tem governança, entendeu? Camareira chefe. Então ela</i></p>

	<p><i>trabalha como as meninas camareiras. Meninas têm que ir embora, ela fica, né... porque ela tem que... Então se um dia tiver só, com ela lá... eu não sei qual a minha... Aí meu Deus... não quero não [risos]... é toda sua... [risos].</i></p>
<p><i>Diante de tudo... você pretende continuar agora? Depois que você adentrou no mundo dos estudos.</i></p>	<p><i>Então... eu vejo se... se parar é complicado, né. Você não pode deixar... você tem que tá aquecendo. Então é... minha filha chegou pra mim, “mãe você não quer fazer serviço social? Eu acho que tem que tentar”... ah, eu não sei. Aí eu, no IFTO tem serviço social? Não, não tem. Então eu disse, então não dá certo. Eu acho que tô viciando nesse negócio...[risos] A gente fala sim... eu não sei... os colegas dizem que é uma família, né. Você tá ali, conhece todo mundo, o pessoal vem... é... Eu não sei... Eu tenho que fazer algo que eu gosto. Mas depois eu vou ver a realidade, se gosto do curso. Mas eu vou ter que comprar uma briga com o marido [risos]. Aí eu digo, você não mandou eu ir pra vida, cuida da sua vida [risos]. Eu tô cuidando... A mas... a gente já conversou, já pedimos perdão, já aprontou... tá bom como tá, como não tá. Não está bom como está. Enfim...</i></p>
<p><i>LF1 gostaria de dizer, assim, agradecer muito. Foi muito bom te entrevistar, sua história de vida é muito gostosa de ouvir. Sabemos de todas as suas dificuldades que você... que todas as famílias têm. Uma não é melhor do que a outra. Então só coisas boas pra ti... muito obrigada</i></p>	<p><i>De nada.</i></p>

ENTREVISTA COM LF2<sup>6</sup>

Perguntas	Respostas
<i>Hoje, 25 de fevereiro, estamos aqui com a LF2, que resolveu contribuir com a nossa pesquisa Mulher e o Mundo do Trabalho – História de Vida das Estudantes do programa Mulheres Mil do Instituto Federal do Tocantins. LF2, muito obrigado pela colaboração. Vamos fazer algumas perguntas pra ti sobre sua história de vida, do programa... sua vida pessoal... e sua condição de trabalho. Primeiro vamos começar com sua vida pessoal, aí envolve questões familiares, conjugais. Sobre seu relacionamento, você tem um relacionamento duradouro, ou estável, ou não?</i>	<i>Duradouro... Bem duradouro, já há 11 anos.</i>
<i>E como foi esse relacionamento seu?</i>	<i>Não, no caso, meu primeiro namorado, que virou esposo, pai do meu filho e estamos juntos até hoje.</i>
<i>Ele contribui contigo, ele te ajuda?</i>	<i>Sim, bastante. Eu trabalho o dia todo. Ele que leva o neném pra escola... pega... leva pra casa, dá janta, banha, põe pra dormir... Faz a janta.</i>
<i>E você tem quantos filhos?</i>	<i>Um... um filho.</i>
<i>Um filho... E você, durante esse período juntos, você já perdeu alguém importante?</i>	<i>Só... Não... não. Quando eu perdi o meu padrasto, a gente nem namorava ainda.</i>
<i>Certo... E você é uma pessoa assim que tem muitos amigos ou poucos amigos?</i>	<i>Poucos amigos. Os únicos, assim, digamos... uns 12, no máximo oito são de infância.</i>
<i>E tem algum que você considera um amigo íntimo ou uma amiga íntima?</i>	<i>Não. Nenhum tão íntimo assim não [risos].</i>
<i>E.. a sua residência, ela é própria ou você mora de aluguel?</i>	<i>Cedida. Cedida. A... dona da casa deixou a gente morar.</i>
<i>E você já teve nesse período seu de relacionamento de 11 anos, você teve alguma</i>	<i>Oh... Cons-tan-te-mente. Porque quando a gente casou, a gente morava de aluguel, eu não</i>

<sup>6</sup> LF2 – Locutor Feminino 2 (Cecília)

<i>dificuldade, em alguma questão financeira?</i>	<i>trabalhava, depois que comecei trabalhar... trabalhei pouco tempo. Aí depois que... engravidei sai do trabalho... e fiquei um bom tempo desempregada. Mas também, quando eu consegui emprego já foi direto. Entrei no Estado em 2011... e estou até hoje... no funcionalismo público.</i>
<i>Você disse então que você trabalha e você tem algum tempo livre?</i>	<i>Só horário de almoço [risos]. Duas horas por dia, digamos. Da... De meio dia as quatorze.</i>
<i>Você ocupa sua vida todinha de manhã até a noite.</i>	<i>À noite.</i>
<i>Certo. E se a gente fosse imaginar daqui cinco anos, o que você imagina fazer?</i>	<i>Ah... Não tá... não ter o meu próprio negocio em turismo, mas está trabalhando com turismo... ou numa agência de turismo, ou uma hotelaria mesmo... A minha área. Hotelaria, eventos e turismo.</i>
<i>Era isso então que você gostaria de estar fazendo?</i>	<i>Sim.</i>
<i>Agora vamos às questões da sua vida escolar. Você gosta, ou gostava de escola, como estão essas questões?</i>	<i>Sim, sempre gostei de estudar. Sempre gostei de estar na escola.</i>
<i>Muito esforçada?</i>	<i>Bastante... [risos] apesar das dificuldades, bastante esforçada.</i>
<i>E, por exemplo, a gente está falando da questão do curso de camareira que você fez. Como foi sua relação no curso, você conseguiu aprender muito, você gostou do curso, você conseguiu ter muitos amigos e amigas?</i>	<i>Sim, eu... gostei do curso. O que eu aprendi no curso eu mantenho em casa... eu arrumo minha casa do jeito que eu aprendi no curso. E... quando eu vou pra casa das minhas amigas também faço isso no quarto delas, arrumo direitinho como aprendi no curso. Fiz duas amigas, inseparáveis, das duas com o mesmo nome, as duas [...]. A LF1<sup>7</sup> que você já entrevistou e a [...] que hoje cuida do meu filho, pra mim trabalhar a tarde.</i>
<i>E nesse período que você estava aqui no Instituto no Campus Palmas fazendo o curso de camareira, você teve alguma dificuldade, você chegou algum momento de pensar em desistir do curso?</i>	<i>Sim, quando chegou à greve. Foi a maioria du... foi onde à maioria desistiu, né. No meio do curso, porque era pra durar três meses, teve a greve de dois meses, o curso acabou durando sete meses. Porque dois meses só dá greve. Nesse período</i>

<sup>7</sup> Locutor Feminino 1 (Teresa)

	<i>muita gente desistiu... mas quando voltou a [...] que é uma professora do Instituto, me ligou... insistiu... e acabei voltando. E não desisti do curso.</i>
<i>Agora vamos às questões profissionais suas. Quando você já terminou seu curso de camareira logo você conseguiu trabalho nessa área ou não, até hoje você está desempregada?</i>	<i>Não. Logo que terminou o curso já teve a indicação pra estágio, eu fiz estagio durante sete dias. Estágio integral sete dias. E logo depois do estágio já surgiu... já surgiu uma oportunidade de trabalho, mas como eu já trabalhava no Estado eu continuei no meu trabalho. Não sair... não sair do meu trabalho pra ir pra área da hotelaria.</i>
<i>E no estado você fez o que?</i>	<i>Na época do curso eu era serviço geral, e agora eu sou administrativo.</i>
<i>Então você está fora da sua área que você fez o curso, mas você está trabalhando?</i>	<i>Tô trabalhando.</i>
<i>E além desse aí que você falou do Estado, você já fez outro serviço, outro trabalho?</i>	<i>Sim, vários. Já fui atendente de caixa num supermercado, atendente de caixa numa lanchonete, já trabalhei de doméstica, já trabalhei de babá. É isso.</i>
<i>E você começou sua vida assim trabalhando a partir de quando?</i>	<i>Com 18 anos, a partir do momento que eu casei, casei em março, em agosto já comecei a trabalhar de atendente de caixa num supermercado. Fiquei desempregada um tempo. Trabalhei de doméstica... depois trabalhei num lanchonete. Fiquei parada um tempo... aí trabalhei de doméstica de novo. Aí sai do emprego que eu tava doméstica pra trabalhar no IBGE, no censo em 2010. Aí terminou o censo em 2010 já entrei no Estado. E é o emprego que estou até hoje.</i>
<i>Então o seu serviço mais duradouro é esse, do Estado?</i>	<i>Sim, de 2011 até agora.</i>
<i>Ou outros foram assim rápidos?</i>	<i>Sim, seis meses... seis meses, três meses, quatro meses.</i>
<i>E como é lá no Estado? No seu serviço, o ambiente, a questão do seu relacionamento com as pessoas com quem você trabalha seu chefe, seu chefe imediato?</i>	<i>Não, a minha chefe imediata é super gente boa. É a minha superintendente, no caso... que é a superintendente de saúde, também. Ela é... como posso falar... ela é bem eclética, ela é bem liberal, assim. Ela assim... Se você está com algum problema ela te libera do trabalho, naquele dia... Se seu filho estiver doente, não tem como dar atestado,</i>

	<i>ela dá uma declaração de... como é que eu posso falar? Ela dá justificativa... e assim vai.</i>
<i>E, por exemplo, se a gente for ver em vista do trabalho, o que você pensa... do seu futuro em questão do trabalho?</i>	<i>Em questão do trabalho, hoje, eu penso que... Eu sou contrato no Estado... Futuramente eu vou tá concursada, falta pouco pra... da Prefeitura, eu passei no concurso da Educação, falta poucas pessoas pra chamar. E espero que até agosto... eu seja chamada na Prefeitura, concursada na prefeitura.</i>
<i>E lá na prefeitura no que você passou?</i>	<i>Na prefeitura e passei pra agente educacional, e que no caso abrange várias áreas. Tanto, tanto limpeza, ASG, copa, portaria, assistente... auxiliar administrativo na coordenação... abrange as professoras, abrange várias áreas nesse cargo de agente educacional.</i>
<i>Certo... E outra pergunta você disse que é casada, continua estudando. Em algum momento seu relacionamento atrapalhou, teve alguma dificuldade, um empecilho em relação à pessoa que está do seu lado? De falar assim, "não, não precisa mais estudar, está ótimo"?</i>	<i>No meu caso é o contrário. Eu sempre falo: "aí, eu estou cansada" "Nossa falta um período, termina o curso". Ele sempre me... me ajuda, sempre me dá força. Ele me... sempre... quando eu tô atrasada, ele me trás pro IF, no caso... ele me busca no ponto de ônibus quando saiu daqui tarde... Ele sempre me apoia. Nunca foi empecilho quanto ao meu relacionamento aos estudos [interrupção].</i>
<i>Então, LF2. E por exemplo, você terminou o curso de camareira, logo em seguida você foi pra qual curso?</i>	<i>Técnica em hospedagem.</i>
<i>Foi logo em seguida?</i>	<i>Logo em seguida. Eu fiz o de camareira até outubro, foi a nossa formatura, senão me engando foi em outubro. Aí em março de 2013 eu já comecei a... a Hospedagem. E junto com Hospedagem eu fiz Organizador de Eventos, Cerimonial em Protocolo. Terminei todos em dezembro de 2013 e agora em janeiro já comecei o superior de Turismo.</i>
<i>E esse superior, qual que você está fazendo?</i>	<i>Superior Gestão em Turismo.</i>
<i>Ele é quantos anos?</i>	<i>Ele é três anos</i>
<i>Então daqui três anos você está concluindo o curso, é a previsão de concluir o curso.</i>	<i>Final de 2018.</i>
<i>Aí você pretende ingressar nessa área?</i>	<i>Na área. Eu... dependendo do serviço que eu</i>

	<i>estiver, né... a função que eu estiver desempenhando, eu pretendo sair pra ir pra área mesmo. Evento, turismo ou hospedagem. Hotelaria no caso.</i>
<i>Você quer falar mais alguma coisa assim que você achou que marcou a sua vida nesse período que você esteve no Instituto?</i>	<i>Não, é assim... em questão do período do... relacionado ao curso, eu achei muito interessante a questão do apoio dos colaboradores, né... no caso a coordenação, que é a [...] e as professoras em si. Eu sempre falo, no caso não é segredo pra ninguém, que a minha maior apoiadora no IF foi à professora [...]. Ela sempre me apoiou desde o curso de camareira. Eu me apaixonei pela área. E ela me apoio disse "LF2 faz Hospedagem, fiz hospedagem. Aí no meio do curso vai ter Turismo, estuda, faz Turismo. Fiz, fiz e tô aí." Sempre com apoio dela, da [...] também, que é outra professora do IF. Elas sempre me apoiaram quando me conheceram desde 2012. Pelas dificuldades, que eu falava pra elas que eu tinha, elas sempre me apoiavam, me incentivavam... em algum problema tanto pessoal como profissional, que eu tivesse em questão dos estudos, elas sempre me ajudavam, estavam sempre me apoiando.</i>
<i>Só quero agradecer... entendeu? Pela sua paciência, sua tranquilidade de estar aqui com a gente compartilhando um pouquinho da sua história de vida. Foi um prazer mesmo e muito obrigada.</i>	<i>Ah, eu que agradeço. E dizer assim, que... Eu sempre falo pra [...] que o projeto Mulheres Mil foi minha entrada no IF, no Instituto. Que começou com ele e eu me apaixonei pela dinâmica educacional do IF e não saí mais... 2012, 2013, e agora até 2018 [risos].</i>
<i>Obrigada</i>	<i>De nada</i>

ENTREVISTA COM LF3<sup>8</sup>

Perguntas	Respostas
<p><i>Estamos aqui, 15 de maio de 2015, com a senhora LF3, e ela vai participar da nossa pesquisa sobre Mulher e o Mundo do Trabalho, história de vida sobre as estudantes do programa Mulheres Mil ofertado pelo Instituto Federal do Tocantins. LF3, vamos fazer um roteiro, de perguntas, né... nossa entrevista é baseada em perguntas, relacionada a sua vida pessoal, sua vida escolar e sua vida profissional. Espero que você fique tranquila, você pode responder ou se não quiser responder as perguntas... fique a vontade.</i></p>	<p><i>Tudo bem.</i></p>
<p><i>Sobre... vamos começar com sua vida pessoal, né. Hoje você já... você tem relacionamento duradouro ou teve relacionamento duradouro, como que é? Caso positivo como é que essa sua relação?</i></p>	<p><i>É... duradouro, né. Porque desde que eu me casei... estou com meu esposo, tenho minha família, tenho meus dois filhos, e tamos aí né.</i></p>
<p><i>E quanto tempo tem essa relação, já?</i></p>	<p><i>Já... se faz dezessete anos.</i></p>
<p><i>E nesse período de 17 anos, né... de casamento você já passou por algum, algum... momento difícil, já teve algum problema emocional, financeiro, que veio a interferir ou atrapalhar um pouco seu relacionamento?</i></p>	<p><i>Não, graças a Deus não. Coisas assim que acontece, né. Pois não tem nenhuma família perfeita, né. Mas deu pra superar, né... Algumas dificuldades que já apareceu, não foi nada grave, graças a Deus... Tudo tranquilo.</i></p>
<p><i>Você falou que tem filhos...</i></p>	<p><i>Um casal.</i></p>
<p><i>Um casal. E seus filhos, você se relaciona bem com eles, qual a faixa etária deles?</i></p>	<p><i>Eles são ótimos filhos. Tenho um filho de treze e tenho uma filha de quinze. Eles são estudiosos, inclusive uma estuda aqui e tira nota boa [risos] Família abençoada.</i></p>
<p><i>Nesse período... ou até mesmo antes do seu relacionamento... mas na sua vida, você já perdeu alguém... foi muito importante pra ti?</i></p>	<p><i>Grças a Deus, muito importante nunca perdi não. Porque assim... Eu fui criada sem pai, né... Aí em dois mil e um esse pai faleceu, não foi tão</i></p>

<sup>8</sup> LF3 – Locutor Feminino 3 (Amélia)

	<i>grave porque fui criada sem ele, né. E foi a perda que eu tive, assim, foi ele. Então...</i>
<i>E sobre as amizades, você é uma pessoa que fácil de fazer amigos ou tem dificuldades de fazer amigos, como que é?</i>	<i>Tenho facilidade de fazer amizade. Sempre no lugar que eu chego, assim as vezes eu nem conheço as pessoas. Aí eu começo a conversar, aí logo, logo faço amizade com as pessoas... E o que parece que as pessoas gostam de mim né [risos].</i>
<i>E com relação a moradia. E como que é? Você mora em casa própria ou uma casa alugada?</i>	<i>Uma casa própria. Graças a Deus nós temos uma casa própria. Eu morei um ano com minha mãe, quando casei. Mas logo após a gente já foi pra nossa casa. E estamos até hoje.</i>
<i>Então você morou a dezesseis anos... você mora a dezesseis anos na casa própria.</i>	<i>Isso. A dezesseis anos.</i>
<i>E você nesse período que você tá com seu esposo, seus filhos, né com sua família, você passou por alguma dificuldade financeira?</i>	<i>Não. Graças a Deus, nós nunca passamos assim... por... por falta de condições dificuldade financeira. Porque assim... a gente não é rico, né... nem de classe média, tal. Mas a gente sabe economizar, né... assim o básico para se alimentar, pra vestir... a gente sempre tem graças a Deus.</i>
<i>E você atividades de casa, como mãe... Mas o que você faz quando você não tá em casa, cuidando de filhos, você no tempinho livre?</i>	<i>Aí o tempinho livre a gente procura lugar mais agradável e vamos ter um momento de lazer, em família.</i>
<i>Agora vamos pensar um pouquinho. O que você imagina fazer daqui cinco anos?</i>	<i>Pois é... Daqui cinco anos eu imagino assim... Porque eu por exemplo não tenho nenhuma faculdade, só tenho Ensino Médio. Aí eu fico imaginando assim... daqui cinco anos, da forma que eu estou, né... como filhos está também... que vai depender de mim, de alguma condição financeira pra fazer uma faculdade, algum curso, assim superior. Aí eu fico imaginando isso aí... como eu posso estar. Mas Deus sabe, proverá [risos].</i>
<i>Então vamos à vida escolar... Você falou que tem o ensino médio completo, como que foi o seu momento no ensino fundamental, ensino médio, com relação ao curso que você fez você teve</i>	<i>É, teve momentos assim, que eu me lembro que eu tinha dificuldade. Que eu me lembro assim que eu nunca fui àquela pessoa assim de "pegar rápido". Uma pessoa que tinha que</i>

<p>dificuldades... ou não, você teve algum momento da sua vida escolar que você lembra assim “ah, foi difícil!”?</p>	<p>sempre assim, que está me ajudando, depois tinha que me dá explicação pra classe, depois eu ia pedir ajuda. Mas, assim, eu tinha certa dificuldade, mas como eu era uma pessoa muito esforçada, né, eu procurava sempre bater na mesma tecla até aprender, eu consegui, né? A terminar, a concluir o ensino médio. E, sobre o curso aqui também, em algumas coisas eu tive dificuldades sim, mas eu aprendi, procurando informações direitinho. A repetição, pra está sempre [risos] alcançando.</p>
<p>E com relação ao seu curso que você fez aqui no Instituto Federal... é você fez muitos amigos ou não, você foi uma pessoa que não fez muitas amizades aqui?</p>	<p>Fiz sim... Fiz muitas amizades, não só com os colegas, né... com as colegas de sala, mas com as professoras também... e até mesmo com os funcionários... Sempre me dei muito bem com as pessoas.</p>
<p>E até hoje você tem esse relacionamento com essas pessoas que você teve aqui... com essas amizades que você fez aqui?</p>	<p>Sim, a sempre que eu as vejo, né... a gente se cumprimenta... Eu acho que... a amizade continua ... pelo menos da minha parte [risos].</p>
<p>E sobre o curso que você fez aqui no Instituto, que você falou é... ligado a... qual área?</p>	<p>É a computação, né... eu acho que o principal desse curso era computação mesmo...que era o que mais a gente... lidava mesmo era o computador.</p>
<p>E você teve muita dificuldade para aprender o curso?</p>	<p>É... em algumas partes sim... Porque eu ainda não tinha lidado com a máquina, né... aí então no início assim eu tive um pouco de dificuldade. Mas, logo após isso fui entrando nos eixos e aí [risos] aprendi muita coisa.</p>
<p>No curso você teve muita ajuda dos professores, dos colegas?</p>	<p>Tive. E teve... que eu fiz as duas vezes. A primeira vez ou foi a segunda... não tô recordando direitinho. Mas, teve uma vez que eu participei aí... que tinha os alunos daqui mesmo da escola, do IFTO, que tavam terminando o curso de informática, eles iam ajudar as Mulheres Mil...</p>
<p>Do curso superior?</p>	<p>Isso.</p>
<p>Você disse que teve um pouquinho de dificuldade, teve ajuda dos estudantes do curso de licenciatura em Computação, e você teve ajuda também dos</p>	<p>Sim, tinha a professora [...], de uma vez que eu participei tinha a professora [...] nossa eu amei aquela professora. Porque ela ensina mesmo...</p>

<i>professores dos colegas?</i>	<i>a gente aprende a mexer mesmo na máquina.</i>
<i>E hoje, depois que você fez o curso... tudo que você aprendeu você consegue utilizar em casa, fora de casa, ajudar seus filhos?</i>	<i>Consigo... eu mexi agora com notebook, né. Que é mesma coisa do computador, né. Tem os mesmos programas, né. Que eu tenho é o notebook em casa. Então eu consigo mexer em tudo. Acesso a internet, mando e-mail... É eu tenho uma filha que estuda aqui, aí ela estava começando um curso, mas teve que parar porque estava começando as aulas aqui, que é integral não teve mais tempo. Aí então... aí ela sempre me pergunta, "mãe como é que eu faço isso" Eu pego, já vou lá e ensino ela. Porque eu aprendi aqui não esqueci ainda, né... [risos]</i>
<i>E... o que você... qual a mensagem que você deixaria depois de tudo que você aprendeu aqui, com as mulheres que você viu, as histórias que você escutou, que você pode está compartilhando a sua? O que de importante ficou pra ti?</i>	<i>Então... o de mais importante mesmo foi o aprendizado, né. Que a gente aprende aqui... que não tem como não aprender. Porque são muitas pessoas, muitos professores bons ensinando... E a amizade com todas as mulheres que participaram desse programa também é muito importante, que até hoje quando a gente passa na rua a gente vê uma, dá a mão, né cumprimenta. Então isso é importante pra vida de cada uma de nós... que participamos ali do Mulheres Mil. Foi muito importante pra mim essa aprendizagem aqui nesse Instituto...</i>
<i>Que bom! Agora vamos a sua vida profissional, LF3. Nessa sua trajetória, você já trabalhou ou não? Ou só trabalha em casa? Como que é sua atividade? Sobre trabalho.</i>	<i>É... o trabalho como sempre assim em casa eu sempre tive. Mas eu trabalho assim com umas vendas de cama, mesa e banho, de cosméticos... Eu tô sempre aí nessa vida de está batendo de porta em porta das conhecidas, não das desconhecidas, né. Só das pessoas que eu tenho muita amizade, né... eu vou lá e falo, faço a minha propaganda. Mostro os produtos... e falo... os preços, falo a bondade do produto, a qualidade, e estou aí nessa vida vendendo..</i>

<p><i>Além de vendas... de produtos, você faz autônomo... você já trabalhou, já teve outras atividades profissionais?</i></p>	<p><i>Já. E eu trabalhei... em 2... deixo vê a data... em 91 até 90... é 5, eu trabalhei como professora de datilografia. Aí daí a tecnologia avançou, computação, aí não fui mais [risos] Depois trabalhei também numa loja de aviamentos... trabalhei um ano e pouquinho e saí... Depois pra casar, [risos] aí sair da loja... Depois trabalhei num supermercado. Depois o supermercado ele que faliu lá...e [risos] eu saí também, que faliu. Aí depois disso não trabalhei mais... em nenhuma outra empresa, só mesmo assim autônoma como eu já falei.</i></p>
<p><i>E você... Por exemplo, o que você gosta de fazer, se você pensar assim em ter que trabalhar hoje. O que você iria fazer hoje, como atividade profissional sua?</i></p>	<p><i>Então, eu gostaria assim... se fosse pra eu trabalhar em outra área, só se eu fizesse na faculdade, né... pra eu me especializar em alguma profissão... Aí sim... aí eu poderia mudar de ramo, e trabalho fora. Porque pra eu assim voltar pra supermercado, seja lá uma loja, de empresa, eu não gostaria de voltar mais não.</i></p>
<p><i>E LF3, você trabalha... você faz vendas, você estudou, você teve ajuda da sua família, em especial do seu esposo, ele contribuiu, ele te ajudou, te esforçou?</i></p>	<p><i>Sim. Desde que casei que com ele, né, ele tem me incentivado a fazer uma faculdade. Só que aí eu mesmo é que não me interessei tanto, mas de fazer concluir assim, de pelo menos começar. Mas é assim... é uma pessoa que sempre incentiva. Fala assim pra mim tá né arrumando, fazer algum curso, assim pra me especializar em alguma coisa. O curso mesmo que fiz Mulheres Mil, ele foi uma das pessoas que me ajudou, até ele veio comigo fazer inscrição, e eu conseguir, fiz o curso duas vezes... E é isso aí... com apoio eu sempre tenho [risos]</i></p>
<p><i>E você pretende hoje... você pensa em fazer um curso superior?</i></p>	<p><i>É isso aí que eu ainda não... Às vezes eu fico pensando, "Meu Deus, quando eu era nova, jovem, eu tentei", até que tentar eu tentei... Só não consegui passar em nenhuma. Eu tentei em história não conseguir, geografia também não conseguir nenhuma aprovação... E aí ... Hoje eu</i></p>

	<p><i>penso assim, hoje não dou conta mais de lidar com estudo não. Ficar ali sentada todo dia, toda noite, eu acho que pode ser a noite também se for o caso, eu não aguento mais esse negócio de livro... não [risos]. Mas quem sabe, né? A vida dá tantas voltas, né, a gente tem que procurar estar sempre crescendo na vida.</i></p>
<p><i>LF3, Mas eu queria agradecer por ter compartilhado um pouco da sua história comigo nessa pesquisa. Muito obrigada. E que... O desejo é que você continue. Continue estudando... Esforçando... Quem sabe nos encontramos aí, você fazendo um curso superior. E novamente poder falar um pouquinho mais da sua história...</i></p>	<p><i>Então, que Deus abençoe, né que ouça suas palavras. Porque às vezes me sinto tão desanimada com esse negócio de estudo, mas quem sabe, quem sabe...</i></p>
<p><i>[risos] Obrigada, LF3</i></p>	<p><i>[risos] De nada</i></p>

ENTREVISTA COM LF4<sup>9</sup>

Perguntas	Respostas
<p><i>Estamos aqui hoje... 15 de maio de 2015, com a dona LF4, participando da nossa pesquisa que é referente A Mulher e o mundo do trabalho, né do programa Mulheres Mil ofertado pelo Instituto Federal do Tocantins. Dona LF4 a senhora fica tranquila, se sinta a vontade pra responder as perguntas ou não, também, tá. E a questão do nosso roteiro de entrevista é simples. Serão três blocos de perguntas, um sobre sua vida pessoal, ou questões da vida escolar e outro sobre a vida profissional. Sobre sua vida pessoal, a primeira coisa que nós gostaríamos de saber é com relação ao seu relacionamento, a senhora tem um relacionamento duradouro, estável, como que é essa sua relação?</i></p>	<p><i>É uma coisa assim... é uma coisa assim bem... clara, né. É uma relação assim bem tranquila, muito boa, né... graças a Deus a gente tem levado essa... procurando ter um relacionamento bem mais tranquilo, né... porque é bom pra todo mundo. Não é só pra gente, mas pra família, né é muito importante. E... questão de família mesmo, graças a Deus é muito bom... tenho relacionamento muito tranquilo.</i></p>
<p><i>A senhora é casada?</i></p>	<p><i>Sim... tenho 27 anos de casada. Tenho quatro filhos, sendo que eu tenho [...]. Esses são os quatro filhos meus. Eles estão... O [...] está fazendo mestrado, termina esse ano. O [...] está fazendo faculdade na UFT, termina também... daqui uns quatro anos ele termina. A [...] fez no Instituto... Federal, pra Logística, e ela terminou o ano passado... esse ano já... a formatura dela foi esse ano, mês de... março, foi a formatura dela. Então assim, um relacionamento sempre muito bom... né, os meninos tem pegado assim um... uma, uma... um relacionamento familiar assim muito bem estruturado. Porque eles cresceram, estão crescendo, assim... em cima dá... du possível né, fazendo o melhor pra eles.</i></p>

<sup>9</sup> LF4 – Locutor Feminino 4 (Irene)

	<i>E a gente tem sempre buscado essa vida sempre tranquila, melhor pra eles, né... Que é estudar, né, ter um bom trabalho, né... quem estuda tem um bom trabalho, tem um bom futuro na vida, né. Então assim, a gente tem procurado assim... ter bastante cuidado nesse relacionamento... pra que eles tenham a base bem firme, bem perfeita.</i>
<i>E como é o dialogo com seus filhos, com seu esposo?</i>	<i>Não assim... Tem hora que eu estou assim bem mais agitada, né... porque devido a depressão, então a gente tem dias que a gente não tá bem, né... controlada. Mas assim... questão de brigar, a gente não briga... a gente não fala... eu só falo alto, porque às vezes... pra ele fazer uma coisa, aí ele fica... na televisão aí... as vezes aí... “menino não vai não”. Aí ele corre e faz... Mas assim pra... ficar gritando, falar alto, xingar, brigar, não temos... procura assim... caso quiser falar alguma coisa... pra ele... pro [...] mesmo, a gente sempre fala, mas assim... os horários que eles não estão em casa, pra não prejudicar eles.</i>
<i>A senhora falou de depressão, a senhora sofre de depressão?</i>	<i>Eu tomo remédio controlado.</i>
<i>Tem quanto tempo?</i>	<i>Desde 2004.</i>
<i>Sempre teve apoio da família, dos filhos?</i>	<i>Tenho, apoio dos filhos, da família.</i>
<i>Nesse seu período são 23, a senhora falou, ou 24 anos de casada?</i>	<i>São 26.</i>
<i>São 26 anos, né. Nesse período todo, ou até mesmo antes, na sua vida, a senhora perdeu alguém importante?</i>	<i>Sim, perdi. A gente perde e perde sempre. Tem que perder né. Porque a vida não é pra... Deus dá pra gente pai, mãe, sogro, sogra, cunhado, mas não é permanente. É por uma temporada. Nesse período eu perdi meu pai... perdi minha sogra, perdi meu sogro, perdi meus cunhados...quase todos... se não me engano eram dez, onze e só tem três vivos... Então nesse período aí... só dois cunhados meus que</i>

	<i>eu não conheci, foi antes de eu casar. Mas depois que veio pra cá... foi bastante perda.</i>
<i>Faz parte da vida</i>	<i>Faz</i>
<i>Com relação a sua moradia da senhora, ela é alugada, ela é própria...</i>	<i>Ela é própria</i>
<i>Já tem quando tempo?</i>	<i>... Em 2000 e... 2000 e 5 eu comecei construir ela, faz um bom tempo.</i>
<i>Então tá, ela foi construída, comprou o lote...</i>	<i>Comprei o lote e construímos a casa. Normalmente ainda está em construção... Essa parte aqui mesmo está passando pelo acabamento agora... falta colocar energia... tem energia daqui pra lá. Essa metade aqui todinha a energia é só na extensão, na "gambiarra" mesmo. Então tá ainda em construção [risos].</i>
<i>E nesse período, o... a relação... o seu relacionamento familiar, a senhora já passou por algum momento de dificuldade financeira ou emocional?</i>	<i>Passa... também... Porque assim, eu não tenho trabalho nenhum, né... Meu trabalho é só cuidar da casa. E desses quatro meninos e do marido... esse é meu emprego atualizado, o mês todo, o ano todo... e até agora, né... Então, ele é pedreiro, já tem sessenta anos de idade... ele é bem... a idade mais elevada do que a minha... E... assim... tem dia que é por época. Tem mês que você trabalha o mês todo, você tem dinheiro o mês todo. Quando você não trabalha de jeito nenhum, você não tem nada. Porque diarista você não tem... né... não é todo dia que você tem seu dinheiro e fornecimento pra manter sua vida financeira. Então aumenta. Então tem dia que você tem, tem dia que falta. Mas graças a Deus assim, a gente tem controlado bastante... pra não entrar em desespero... Porque é barra pesada, você ter três meninos com faculdade ao mesmo tempo, não é brincado. E quem estuda tem despesa, não é dinheiro. A gente tem assim... tem que ter muito controle, mesmo... em tudo... não ter desperdício... não tem regalia não, só mesmo, o necessário.</i>

<p><i>E o emocional?</i></p>	<p><i>Esse também tem, né. Porque às vezes a gente fica emocionado até mesmo... só em ver eles, aonde eles estão, a gente fica emocionada. É uma emoção muito grande que eu tenho. Porque eu nunca pensava que eu ter essa priviligia com os meus filhos, tão bom que está sendo, né. Além de ser bom em casa, não saem pra rua, não bebem, não... não dançam, num... Não tem, assim, é... vaidade nenhuma na rua, sabe. Aquele cumprimento com a rua. Não tem compromisso com a rua. O cumprimento é com o que tem que fazer. Se tem que ir na lan house, que que ir, se tem que ir na igreja, eles vão lá e falam, se tem que ir pra faculdade fazer uma pesquisa, vão lá e faz. Mas falar assim, "vou pra rua e ficam lá até três horas da manhã, até quatro horas da manhã..." essa vaidade eles não tem. Então essa é uma emoção, hoje... Então onde tem jovem hoje, mães... Tem muitas mães que tem não elas, esse privilegio, né... porque você ver aí, andando nas ruas... eu mesmo tenho sobrinha, tenho uma irmã, que tem filho grande, também grande e elas passam assim, tem hora que é vexame, porque saem e não tem compromisso pra voltar. Então isso é muito... emocionante pra gente... porque pra mim isso é uma emoção muito grande.</i></p>
<p><i>Agora vamos pensar no futuro. Se a senhora tivesse que pensar daqui cinco anos, o que a senhora gostaria de estar fazendo... ou imaginando que poderia acontecer daqui cinco anos?</i></p>	<p><i>Daqui cinco anos... se eu pudesse voltasse a estudar de novo, até lá... manter esses cinco anos no colégio, indo pra faculdade, ou indo pra... ou fazer o ensino fundamental, né, o ensino médio e continuar estudando igual eles estão estudando hoje, pra mim seria muito bom.</i></p>
<p><i>E agora vamos às questões da vida escolar, a senhora já iniciou um pouquinho, né... Então a senhora falou que fez o ensino fundamental, a antiga oitava série, né. E como foi essa, essa... esse trajeto escolar, a senhora passou por algumas</i></p>	<p><i>Não assim... Foi fácil... questão de ir pra facul., pro colégio, né porque é pertinho, que é no Costa e Silva, né. É pertinho de casa... então era assim uma, uma ida e volta bem tranquila, né. Mas só que tinha vez que tinha que levar os</i></p>

<p>dificuldades, ou foi muito fácil ter feito...</p>	<p>meninos que eram pequenos, eu não gosto de deixar trancado só. Não gosto de deixar criança só. E na época eles tinham cinco anos, seis anos, né... quatro anos, outro tinha três anos. Então eu pegava e levava. Que era Doutor Evaldo que eu comecei fazer... o ensino fundamental e eu tinha que levar eles. Às vezes...Tinha noite que eu tinha que levar, né porque era a noite... então pra não deixar eles só em casa eu preferia levar. Levei muitas vezes, quando tinha necessidade de levar eu levava. Agora quando tinha o pai deles em casa, o avô deles tava em casa... eu deixava. Não era necessário levar. Mas fui muito tranquilo. Graças a Deus foi muito bom..</p>
<p>E a questão do relacionamento, tanto com o professor, quanto com os colegas...</p>	<p>Eu queria ter até hoje. Eu tenho assim... uns colegas de aula, né. Até hoje a gente tem contato com eles, com elas também, o momento que a gente se encontra na rua é pra conversar sobre a escola, perguntar se estão estudando, se terminaram, o que estão fazendo hoje. Então, assim, aquelas que eu vejo que tem que voltar a estudar eu incentivo, né. Eu falo: “não... volta pro colégio... volta, caça um jeitinho, volta, pelo menos você”, elas respondem: “a não... mas você tem que pensar em você também”, “eu penso não, minha saúde é muito mais pequena do que a de vocês, então vocês vai, procura... pra conquistar o tempo que é... bem aproveitado”. E aí assim... e com os professores do mesmo jeito. Eu quando vejo um na rua... eu conversa, abraça, fala... é muito bom... até hoje eu queria ter... eles sempre presente.</p>
<p>E... com relação ao curso, como que foi a escolha de ter ido lá fazer, se inscrever no curso Mulheres Mil?</p>	<p>Muito bom... Uma escolha bem... muito aproveitada. Foi assim só um mês... um mês e um pouquinho de dias. Quando eu comecei... eu comecei assim, eu fui e já tinha começado as aulas... aí depois comecei seguir... seguir assim</p>

	<i>o mês todinho, só trinta dias mesmo sem matar nenhum dia, quase. Aí o dia que dava pra ir eu ia. Aí comecei logo... descobriu o problema de doença, né, que teve fazer cirurgia... aí tive que ir pra Goiânia fazer a cirurgia e acabei deixando o curso pra trás... Isso foi o momento de eu não ter terminado... mas eu aprendi muito.</i>
<i>E como que a senhora ficou sabendo desse curso?</i>	<i>... Foi í... foi minha menina que estudava lá... né... ela fazia... estudava lá... na época ela ficou sabendo... aí ela conversou com [...], que era professora dela também, e foi minha professora muito querida, minha professorinha. E ela falou pra ela... e ela conversou lá e veio e falou comigo e... fui lá e fiz a matrícula.</i>
<i>E... agora sim... com relação à amizade, a senhora chegou a fazer amizade lá nesse período de curso?</i>	<i>Demais... Muita gente [risos].</i>
<i>E são até hoje, amigos até hoje?</i>	<i>Amigos até hoje. Aí eu fico pensando, aí fico em casa pensando "oh gente! [...] vai embora? Não podia ir embora...". Aí outro dia eu fui lá na formatura da minha menina e estavam elas tudinho estava a [...] e a outra que eu me esqueci do nome. Então estavam tudo lá. Muito bom. Elas nem tavam sabendo direito porque eu havia largado o curso, né... Aí que eu expliquei pra eles, aí eles falou assim "eu sabia que só podia ser um motivo desses, você estava tão interessada nesse curso... e deixar assim duma vez... vai ser mesmo problema de doença, porque outro motivo, não tem jeito".</i>
<i>Então a senhora tinha um bom relacionamento, como com os professores...</i>	<i>Sim... tantos com os colegas, como com eles, os professores, com os funcionários, todos eles são muito bons... Pra mim foi um treinamento muito gostoso, creio que eles também estejam gostando, estejam gostado do curso.</i>
<i>Agora vamos a questões profissionais. A senhora já iniciou dizendo que a senhora só... praticamente só trabalha em casa, cuidando dos filhos, da casa, do esposo, a senhora já teve outra atividade profissional?</i>	<i>Não... só aqui mesmo.</i>
<i>E, se a senhora pudesse ter outra atividade, a senhora teria?</i>	<i>Sim, vontade.</i>

<p><i>E qual?</i></p>	<p><i>Viche... Várias... sendo assim... eu tenho muita facilidade pra vender. Hoje se falassem assim, “vai trabalhar numa loja, trabalhar num mercado”, isso assim seria muito bom... caso isso acontece. Só que assim, não vou assim... eu nunca corri atrás... não fui colocar currículo, deixar lá e tal, tal. Porque... depressão é uma coisa assim muito... é assim, é uma coisa que você não entende. Hoje você está de um jeito, hoje eu estou boa... mas amanhã, eu não sei que jeito vai ser amanhã, né... Então, assim, emprego você tem aquela... que ter aquela meta todo dia. Agora só... Você chega hoje lá, você tem que chegar... ou onde tiver dentro da sua casa, você tem que chegar lá e dizer que está tudo bem. E depressão, ela é diferente... Você pode magoar a pessoa, pode... né... você pode falar coisa com coisa, você pode ofender a pessoa que... não tenha nada a ver com você. Às vezes só a gente falar pra pessoa... ele já tem, ele as vezes já sai queimada com a gente, já queima ele. Então esse o trabalho tem que ter muito... é... tem que ter muito cuidado, pra desagradar ninguém ali... manter aquilo ali... é... firme o tempo todo. Então assim, a questão de não trabalhar fora mais é isso mesmo.</i></p>
<p><i>E hoje assim, a questão da, da... continuar a vida escolar, a senhora falou que parou no ensino fundamental, por que a senhora não continuou? Foi por causa dos problemas da saúde?</i></p>	<p><i>Foi, foi problema da depressão mesmo. Quando eu estava terminando a, o ensino médio... foi... quando terminei o ensino médio em dezembro, quando foi em janeiro eu comecei... já entrei em crise, da depressão... Fiquei internada muitas vezes. Ficava mais... Passava duas, três dias, ou a semana inteira internada no hospital, sem vim em casa... Às vezes eu chegava em casa de manhã... de tarde voltava de novo pro hospital... Aí o médico falou, “vamos tirar você do colégio, vamos deixar esse colégio seu pra trás, um pouco... porque sua mente não é tanto assim... é... depressão assim... de outro lado, é só mesmo cansada”. Questão emocional mesmo, junto com cansada. Mente cansada... Então ele disse que não tinha como eu continuar estudando, melhor eu ficar sem</i></p>

	<p><i>estudar por conta da mente que é muito cansada... Eu não sei por que ela cansa... porque não lava roupa, não passa, não cozinha, e cansa... Essa é a questão de eu não ter continuado estudar.</i></p>
<p><i>Mas só vontade?</i></p>	<p><i>Só vontade [risos] E a necessidade também, né... Porque quem estuda... tem assim... tem muitas pessoas estudada, formada, desempregada... mas se ele não estivesse es... mas ele tá o quê... ele tá numa ponte... na beiradinha da ponte... qualquer oportunidade que surgir pra ele, já tem o curso dele preparado... qualquer hora ele tá lá dentro, né... quem não estudou... pode chegar bem aqui, e não vai pode... né... você não pode fazer nada...Então... mas antes estudar do que não.</i></p>
<p><i>Se a senhora tivesse que deixar uma mensagem, né... do que foi o Instituto... a entrada do curso na sua vida. Qual mensagem você deixaria para as pessoas?</i></p>	<p><i>Ichí... Muita coisa... [risos] Assim, eu quero deixar essa mensagem... pra... pros professores, pros colegas, né... toda a equipe... e mesmo pro Instituto mesmo. Assim, foi um momento muito bom. Assim, todos que ficassem lá e fossem pra lá, ficar lá... aproveitar o tempo... aproveitar e estudar... porque os professores são capazes de passar... eles têm fundamental pra passar o que... a gente quer pra... gente... o que necessita o aprendizado... O aprendizado lá é muito bom... E que todos que chegar lá... aproveite... né, o estudo, o ensino dos professores, porque... é muito importante... E como os professores lá... são pessoas assim... que você... não é professor da gente... como fosse minha mãe, meu pai, eu deixei... Eu recebi muita... é.. a pala... atenção que eles dá pra gente... é como fosse... como tivesse conversando com pai e mãe da gente... Isso é muito bom... Isso foi o momento assim... que me marca muito... Então assim... que... procuro sempre ligar lá... ouvir pelo menos a voz... de alguém que está lá dentro... direto tô ligando lá... perguntando pelas meninas... então, isso é muito gostoso.</i></p>
<p><i>Aí que bom... No mais eu só queria agradecer... pelo momentinho que a senhora disponibilizou pra nossa pesquisa... pelo... poder oportunizar eu conhecer da</i></p>	<p><i>Eu tenho que quero agradecer vocês... pela preocupação de estar aqui hoje... Eu sei que é uma preocupação muito grande... Porque</i></p>

<p><i>sua história... os motivos que te levaram a desistir de um curso... entendeu? Mas, só agradecer mesmo... Por esse tempinho que a senhora reservou, tá... Muito obrigada...</i></p>	<p><i>assim... tem gente que... pensa "eu não atrás... porque chegar lá não acho, né... é gasto... é despesa"... realmente... não tá gastando as vez... "não... tô gastando, então não vou perder meu tempo, né". E vocês tarem aqui hoje... pra mim é uma alegria... muito grande, tá.. Quero agradecer... pedir a Deus que esteja abençoando a vida de vocês... a família de vocês... que Deus esteja guardando... livrando de todos os perigos...</i></p>
<p><i>Obrigada.</i></p>	

ENTREVISTA COM LF5<sup>10</sup>

Perguntas	Respostas
<i>Estamos aqui com a LF5 que vai colaborar com a nossa pesquisa sobre a Mulher e o Mundo do Trabalho, história de vida das mulheres que fizeram o Mulheres Mil do Instituto Federal do Tocantins. A senhora pode ficar bem tranquila, fique a vontade! Vamos fazer várias perguntas que envolvem sua vida pessoal, sua vida escolar e sua vida profissional. Certo? Você fica tranquila pra responder ou não responder, tá bom? Vamos pela sua vida pessoal, você tem um relacionamento duradouro ou não? Ou já teve?</i>	<i>Sim, meus relacionamentos são todos duradouros. O primeiro foi quatro anos, e o último agora oito anos.</i>
<i>Oito anos esse que você tá agora, né? E nesse relacionamento você tem filhos ou não tem, ou você já teve com outro?</i>	<i>Não, nenhum filho.</i>
<i>E, nesse momento você perdeu alguém importante, nesse período?</i>	<i>Meu irmão mais velho.</i>
<i>E foi de que, sua morte?</i>	<i>Assassinato, em Goiás quando ele morava lá.</i>
<i>Ah, certo. E você é uma pessoa que é de fácil amizade, tem muitos amigos, poucos amigos?</i>	<i>Eu sou bem fácil de fazer amizades, tenho dificuldades não, tenho bastantes amigos. Mais do sexo masculino [risos].</i>
<i>E LF5, qual a sua residência, ela é própria, alugada?</i>	<i>Própria</i>
<i>E nesse período seu nessa trajetória, você é uma moça de 28 anos, você viveu algum momento de dificuldade ou passou por um momento familiar difícil?</i>	<i>Passo de vez em quando porque minha mãe é contrato temporário, devido a isso ela pode sair todo final de ano aí fica desempregada e a situação lá em casa fica bem escassa.</i>
<i>E, você mora com sua mãe?</i>	<i>Com minha mãe e meu sobrinho.</i>
<i>Ah, são três pessoas na casa.</i>	<i>Meu irmão vai casar e minhas irmãs moram em Palmas.</i>
<i>Certo. E quem praticamente sustenta a família é sua mãe. E sobre tempo livre, você disse que colabora aqui no Instituto. E quando você não está</i>	<i>Ficar em casa e artesanato.</i>

<sup>10</sup> LF5 – Locutor Feminino 5 (Iracema)

<i>aqui ou estudando, você tem alguma atividade que você faz?</i>	
<i>Que tipo de artesanato?</i>	<i>Sandália bordada com miçanga e faço crochê bordado.</i>
<i>Que bom. Agora vamos pensar assim num tempo maior. Você já imaginou o que você gostaria de estar fazendo daqui cinco anos?</i>	<i>Estar formando, estar numa empresa de acordo com a minha área e ter minha própria casa e...</i>
<i>Certo. Você atualmente faz licenciatura...</i>	<i>Em computação, mas eu já fazia biologia e desisti no quarto período.</i>
<i>Licenciatura também?</i>	<i>Sim, na UFT.</i>
<i>E você já pensa em fazer outra? Qual?</i>	<i>Penso em voltar a fazer biologia só que a distancia. Mas meu foco mesmo é na área da saúde.</i>
<i>Você gosta da área da saúde? Entendi.</i>	<i>Por influencia da minha mãe que sempre foi da área da saúde, pois é melhor que sala de aula.</i>
<i>Sua mãe é enfermeira?</i>	<i>Sim</i>
<i>Agora sobre sua vida escolar, você falou que está fazendo licenciatura em Computação, mas você fez o curso Mulheres Mil e como que foi quem que falou pra você que estava tendo o curso no IF, como que você descobriu como você veio parar aqui?</i>	<i>Algumas colegas minha haviam comentado sobre esse curso, aí eu vim saber se estava ocorrendo e fiz minha inscrição, aí participei do Programa.</i>
<i>E como que foi, durou quanto tempo o curso?</i>	<i>Três a quatro meses, eu creio que foi.</i>
<i>Aí logo em seguida você fez o vestibular?</i>	<i>Sim</i>
<i>Então praticamente você não ficou parada, né?</i>	<i>Logo que eu encerrei lá eu me inscrevi aqui e passei.</i>
<i>Certo, então você fez na turma de 2013 e logo você continuou.</i>	<i>Isso</i>
<i>E nesse período que você estava no curso, o curso foi de que?</i>	<i>Foram informática básica com reaproveitamento de matérias, essas coisas.</i>
<i>E, por exemplo, você tinha dificuldades pra fazer o curso?</i>	<i>Não, tipo assim alguma dificuldade, por exemplo, eu não tinha tanto por já ter feito computação. Mas teve coisa nova que eu consegui aprender, pois o professor era muito dedicado</i>
<i>E, por exemplo, na sala de aula você tinha vários amigos, vários colegas?</i>	<i>Tive bastante, sempre muito comunicativos, todo mundo participava, todo mundo se enturmava. Facilitava porque da minha idade eram poucos, quem tinha dificuldades a gente procurava ajudar</i>

	<i>pra facilitar o aprendizado do grupo todo.</i>
<i>Que bom. Então, igual você falou a gente ia te perguntar sobre as dificuldades encontradas do curso, mas você falou que na maioria das vezes você ajudava aqueles que tinham dificuldades. Era uma turma com faixa etária diversas. Tinha mais senhoras ou mais homens?</i>	<i>Mais senhoras, uma base de sete a oito alunos com pessoas de mais idade, com idade mais avançada. Elas tinham mais dificuldades e nós que tínhamos mais facilidade ajudávamos elas.</i>
<i>Ah, entendi. Ainda sobre a vida escolar, e sobre o curso de computação, como que está sendo?</i>	<i>Bem melhor, muito. Comparando com o que eu fazia de biologia, eu estou gostando desse de mais! Já estou no quarto período.</i>
<i>E você sente dificuldades?</i>	<i>Tenho algumas dificuldades, mas nossa turma os colegas são bem... Entendeu? Quando entra a dificuldade fica um ajudando o outro pra ninguém desistir do curso. Todo mundo junto ali.</i>
<i>São quantas pessoas que fazem o curso com você?</i>	<i>28, três mulheres o resto só homens.</i>
<i>E já entraram poucos ou já em torno desse número?</i>	<i>Só alguns que estavam devendo matérias, desistiram e retornaram agora nesse período. Mas ficou assim como se fosse uma turma única.</i>
<i>Agora vamos a sua vida profissional. Você já teve outras experiências profissionais ou é só essa do Instituto?</i>	<i>Eu já trabalhei no Caçulinha anteriormente, aí eu saí porque eu fazia Biologia integral. Aí fiquei até o quarto período e fiquei dois anos desempregada. Quando eu saí, passou um tempo, uns dois meses eu entrei aqui na universidade e até o momento não trabalho. Eu trabalhei na veterinária, mas foi porque minha cunhada estava gestante e eu cumpri aviso pra ela, mas por enquanto não.</i>
<i>Na época do programa Mulheres Mil você trabalhava ou você estava desempregada?</i>	<i>Eu estava desempregada.</i>
<i>Certo, e agora com o curso de computação?</i>	<i>Agora eu estou com a bolsa de colaboradora.</i>
<i>Bolsa colaborada, aí você fica por quantas horas?</i>	<i>Três vezes por semana.</i>
<i>Entendi.</i>	<i>Só meio período.</i>
<i>Só meio período, certo! E você já falou das outras atividades que você fez. E qual, por exemplo, hoje você trabalha na parte administrativa como colaborada, qual sua função aqui?</i>	<i>Ajudo a protocolar documentos, e a alunos e no caso a necessidade de minha orientação eu ajudo ela, sempre disponível.</i>
<i>Entendi, e você, por exemplo, você gosta dessas atividades aqui? Pois você está fazendo um curso de Licenciatura...</i>	<i>Gosto, já é o segundo ano que estou aqui.</i>

<i>E, você, por exemplo, na sua formação como futuramente professora você quer atuar nessa área ou não?</i>	<i>Laboratório</i>
<i>Só em laboratório?</i>	<i>Sala de aula não. Se preciso for, né? A gente tem que estar disponível, mas prefiro mesmo laboratório.</i>
<i>Entendi. E como que é, por exemplo, no seu trabalho você tem um bom relacionamento com as pessoas aqui ou não?</i>	<i>Tenho [risos]</i>
<i>LF5, agora a ultima perguntinha, quais suas perspectivas profissionais? O seu futuro? O que você pensa quando você terminar o seu curso, os cursos que você já fez o que você imagina?</i>	<i>Refazer novos cursos, montar uma empresa, eu tenho vontade de montar minha própria empresa pra ajudar na renda familiar.</i>
<i>O que significou o curso Mulheres Mil pra ti?</i>	<i>Muito forte. Porque até então eu não estava tão interessada em fazer esse curso de computação. Pela descoberta que foi me mostrando nesse curso, eu fiquei sentindo mais curiosidade e resolvi fazer um curso nessa universidade.</i>
<i>Ele estimulou você a fazer a licenciatura em Computação.</i>	<i>De certa forma me ajudou muito!</i>
<i>E da turma, da sua turma que você teve até hoje você consegue ver as pessoas que estudaram contigo, você tem contato com elas?</i>	<i>Sim. Tenho uma amiga que fazia Logística, tem outros que saíram pra UFT, mas as senhoras a maioria das vezes, constantemente eu sempre conversei com elas.</i>
<i>LF5, só quero então agradecer sua participação na pesquisa. Muito obrigada. E que você continue estudando, se esforçando. Você parece ser uma pessoa que se esforça muito, se dedica muito.</i>	<i>Obrigada.</i>
<i>Eu que agradeço.</i>	